Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

# Bullying – Estudo de prevalências e relação com traços de psicopatia

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Sandra Isabel Pinto Rodrigues

Professora Doutora Alice Margarida Martins dos Santos Simões

Professor Doutor Francisco Manuel dos Santos Cardoso

Vila Real, 2013

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

# Bullying – Estudo de prevalências e relação com traços de psicopatia

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Sandra Isabel Pinto Rodrigues

Professora Doutora Margarida Simões

Professor Doutor Francisco Cardoso

Composição do Júri:

_____

_____

_____

Vila Real, 2013

# DECLARAÇÃO

Nome

B.I./C.C./ Passaporte

Telemóvel

Correio electrónico

Título da dissertação de mestrado ☐ / tese de doutoramento ☐

Orientador(es)

Ano conclusão

Designação do Mestrado ou do Ramo de Conhecimento do Doutoramento:

Declaro sobre compromisso de honra que a tese ou dissertação agora entregue corresponde à que foi aprovada pelo júri constituído pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD).
Declaro que concedo à UTAD uma licença não-exclusiva para arquivar e tornar acessível, nomeadamente através do seu repositório institucional, nas condições abaixo indicadas, a minha tese ou dissertação em suporte digital, sendo a autorização concedida a título gratuito.
Declaro que, ao enviar o material em suporte impresso, autorizo a UTAD a digitalizar o exemplar da minha tese ou dissertação, que remeto em anexo, ou o exemplar que possui nas suas bibliotecas.
Declaro que autorizo a UTAD a arquivar mais de uma cópia da tese ou dissertação e a converter, sem alterar o seu conteúdo, a tese ou dissertação entregue, para qualquer formato de ficheiro, meio ou suporte, para efeitos de preservação e acesso.
Retenho todos os direitos de autor relativos à tese ou dissertação, e o direito de a usar em trabalhos futuros (como artigos ou livros).
Concordo que a minha tese ou dissertação seja colocada no repositório da UTAD com o seguinte estatuto (assinale um):

1. ☐ Disponibilização imediata do conjunto do trabalho para acesso mundial;

2. Disponibilização do conjunto do trabalho para acesso exclusivo na UTAD durante o período de ☐ 1 ano ou ☐ 2 anos, sendo que após o tempo assinalado autorizo o acesso mundial.

3. ☐ Disponibilização do conjunto do trabalho para acesso exclusivo na UTAD.

Vila Real, ___/___/_____

Assinatura: _____

## Agradecimentos

Ao finalizar este percurso tão importante da minha vida, em primeiro lugar dirijo o meu agradecimento aos meus pais. Agradecer aos pais é uma tarefa fácil, ao mesmo tempo, que é uma tarefa difícil. É fácil, pois sabemos exatamente a importância de tudo que fizeram por nós e por sabermos que apenas o brilho dos nossos olhos já é muitas vezes suficiente para eles. Por outro lado, é uma tarefa difícil por não conseguirmos encontrar palavras para expressar tudo que sentimos por eles, tudo que eles significam para nós e toda a gratidão que sentimos. Por vocês existe um amor incondicional, deram-me a vida e ao longo destes anos foram sempre, mas sempre o meu amparo. Juntos rimos, choramos e "lutamos" para que a menina de há alguns anos atrás se tornasse a mulher de hoje.

Não existem palavras que descrevam o profundo e sublime agradecimento de toda a vossa persistência em caminharem sempre ao meu lado, para fortificar cada passo dado ao longo da minha vida. Antes de ir para a escola, vocês foram os meus mestres, já me tinham ensinado o valor do ser humano, o certo e o errado.

" Sandra amo-te muito do fundo do coração por isso quero que lutes e nunca digas que não; a vida sempre sorriu, para quem sempre lutou, por isso nunca desistas porque Deus sempre ajudou". Mãe, sabes que estas palavras que em adolescente me entregaste estarão sempre no meu pensamento e no meu coração. Amo-vos e jamais sereis esquecidos.

Dirijo também as minhas palavras de agradecimentos às minhas cunhadas mas principalmente aos meus dois irmãos (Paulo e Ricardo), que sempre demonstraram o seu apoio quer pessoalmente ou telefonicamente e nunca deixaram que eu baixasse os braços mas olhasse sempre em frente. Eles foram e serão sempre o exemplo de seres humanos que tenho como referência. Obrigado por todas as alegrias que me deram ao longo do meu desenvolvimento, pois sem vocês não seria igual, disso tenho a certeza.

A ti, minha linda sobrinha Lara, que ainda não sabes ler mas consegues nos dias mais difíceis colocar no meu rosto um sorriso quase tão lindo como o teu. Se estás longe só ouvir a tua voz faz-me renascer e como tu cantas " tu és mais forte e sei que no fim vais vencer". Para mim tu és um anjo que caiu do céu para transmitires a boa disposição e alegria que por vezes me faltava.

Agradeço a Deus, toda a força atribuída e a São Gonçalo o meu Santo protetor.

Agradeço também aos meus avós maternos que sempre se mostraram disponíveis e com as suas sábias palavras me forneceram muita força e apoio incondicional. A ti, avô, onde quer que estejas, faço-te esta homenagem. Homem de H maiúsculo e lutador, sempre me ensinas-te a lutar até ao fim e assim farei, continua a olhar por mim. Sinto muitas saudades, mas estas saudades transformam-se em força para caminhar no meu dia a dia. Continua a cuidar de mim.

Um agradecimento especial aos meus orientadores, Professora Doutora Margarida Simões e Professor Doutor Francisco Cardoso, pela orientação dispensada, sempre disponíveis para transmitir novos ensinamentos e esclarecer as dúvidas que iam surgindo, e pela boa disposição que me transmitiam em dias mais difíceis.

Aos meus amigos e amigas que estiveram sempre presentes em especial às minhas colegas e amigas Raquel, Joana e Inês, por ao longo destes anos partilharmos esta "viagem" sempre juntas.

Por fim mas não menos importante agradeço aos alunos que fizeram parte da amostra, bem como aos docentes que possibilitaram a recolha dos dados.

A todos estou eternamente agradecida.

**Resumo**

O objetivo da presente investigação foi realizado com o pressuposto de determinar a relação entre comportamentos violentos (*bullying*), e traços de psicopatia em adolescentes. Através das prevalências pretendeu-se também verificar a percentagem de vítimas e agressores (*bullers*) de acordo com os quatro fatores (física, social, verbal e ataque à propriedade, relativamente à amostra global, faixa etária, género, tipo de ensino, escolaridade, rendimento escolar, reprovações e classificação do seu comportamento.

A amostra da presente investigação foi constituída por 428 adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos de idade (*M*= 14,68; *SD*= 1,438). Estes jovens frequentavam escolas do ensino regular (n=342) e escolas de ensino profissional (n=86). Do total, 230 pertencem ao género feminino e 192 ao género masculino.

Para avaliar a vitimização e agressão foi utilizada a escala *Multidimensional Peer Victimization Scale*, na sua adaptação para Portugal (Veiga, 2007). Para avaliação dos traços de psicopatia em adolescentes recorremos à versão adaptada do inventário de psicopatia para a adolescência –o YPI, de Andershed, Kerr, Satin, e Levander (2002).

A análise dos resultados permitiu verificar que as vítimas sistemáticas são atingidas maioritariamente por *bullying* de âmbito verbal (36,7%), que corrobora com as respostas dos agressores, que aludem que utilizam maioritariamente a violência verbal.

Foi possível verificar que as prevalências de vítimas físicas sistemáticas foram superiores nos rapazes (17,7%). Quanto à idade, as maiores prevalências de vitimização física são nos alunos que têm 14 e 16 anos (15,5% e 16,4%), a menor prevalência situa-se na idade dos 12 anos (9,4%). Nos alunos do ensino regular (14,6%) a prevalência é maior do que no profissional (12,8%). À semelhança de outras investigações, a proporção de agressores mostrou-se superior no sexo masculino quer a nível de agressão física, social verbal e ataque à propriedade.

Podemos afirmar que perante o estudo em duas superdimensões (grandioso manipulativo, frio e não emocional) das três superdimensões do YPI os indivíduos apenas agressores, são quem tem uma pontuação mais elevada, mostrando que estes apresentam maiores traços de psicopatia.

No YPI total os indivíduos apenas agressores são os que apresentam maior média, seguido dos indivíduos que são vitimas e agressores simultaneamente.

**Palavras-chave:** *Bullying*, psicopatia, vítimas, agressores

## Abstract

The main goal of the current investigation has been released with the purpose of determine the relationship between violent behaviors (bullying) and traces of psychopathy amongst teenagers. By the prevalences, we pretend also to verify the percentage of victims and aggressors (bullers), according with the four factors: physique, social, verbal and the strike to the property, in relation with the global sample, age group, gender, type of education, schooling, school performance, reproofs, classification of his/her behavior.

The sample of the present investigation has been constitued by 428 adolescents with ages from 12 to 17 years old. These young people frequented schools from the regular education and schools from vocacional. Totally, 230 belong to the femal gender and 192 to the male gender.

To assess victimization and aggression scale was used Multidimensional Peer Victimization Scale , its adaptability to Portugal (Veiga, 2007) . To evaluate the traits of psychopathy in adolescents resort to the adapted version of the inventory of psychopathy to adolescence it YPI of Andershed , Kerr , Satin , and Levander (2002) .

The analysis has shown that the systematic victims are affected mostly by the context of verbal bullying (36.7 %) , which agrees with the responses of the attackers, who allude using mostly verbal violence .

It was possible to verify that the prevalence of systematic physical casualties were higher in boys (17.7%). Regarding age, the highest prevalence of physical victimization are the students who are 14 and 16 years (15.5 % and 16.4 % ) the lowest prevalence is in the age of 12 years ( 9.4% ) . In regular students (14.6 %) prevalence is higher than in professional (12.8 %) .

As in other studies, the proportion of offenders was higher in males both in terms of physical, social and verbal attack on property.

We can say that before the study in two (grand manipulative , cold and unemotional ) the three YPI superdimensões the individuals only offenders are those who have a higher score , showing that they have higher traits of psychopathy.

In YPI Total individuals only offenders are those with the highest average , followed by individuals who are both victims and perpetrators .

.



**Key-words** : Bullying , psychopathy , victims , offenders

## Índice


| | |
|---|---|
| Agradecimentos | vi |
| Resumo | viii |
| Abstract | x |
| Índice | xii |
| Índice de figuras | xiv |
| Índice de tabelas | xv |
| **Introdução** | 1 |
| **PARTE I - Estado de Arte** | |
| **Capítulo I - *Bullying*** | |
| 1.1. O fenómeno *bullying* | 3 |
| 1.2. Prevalência em Portugal | 5 |
| 1.3. Caracterização do *bullying* | 7 |
| 1.4. Intervenientes na dinâmica do *bullying* | 9 |
| 1.5. Enquadramento jurídico | 12 |
| **Capítulo II – Traços de psicopatia** | |
| 2.1. Relação entre traços de psicopatia e *bullying* | 17 |
| **PARTE II – Investigação** | |
| Introdução | 21 |
| **Capítulo I - Seleção dos instrumentos** | |
| 1.1. Avaliação de comportamentos agressivos / Vitimização (*bullying*) | 22 |
| 1.2. Avaliação de traços de psicopatia | 24 |
| **Capítulo II – Estudos empíricos** | |
| Objetivos | 25 |
| Variáveis em estudo | 25 |
| Procedimentos de recolha de dados e aspetos éticos | 26 |
| Procedimentos estatísticos | 26 |

Estudo descritivo da amostra 28
1.Resultados relativos à análise de prevalências 34
1.1. Estudo de prevalências de vítimas e agressores 34
1.1.1 Prevalências das vítimas 34
1.1.2. Prevalências dos agressores 40
1.1.3 Prevalência dos indicadores de traços de psicopatia 47
2. Resultados relativos à classificação de vitimação e agressão, comparação do YPI total entre vítimas e agressores e comparação das pontuações das 3 superdimensões 51
2.1. Classificação de acordo com as pontuações do $PVS_{total}$ vítimas e $PVS_{total}$ agressores 51
2.2. Comparação do $YPI_{total}$ entre vítimas e agressores 52
2.3. Comparação das pontuações das 3 superdimensões do YPI entre vítimas e agressores 54
**Capítulo III - Discussão geral e conclusões** 60
**Referências bibliográficas** 64
**Anexos** 70

**Índice de Figuras**

Figura 1. Percentagem da Distribuição da Amostra em Relação ao Género 28
Figura 2. Percentagem da Distribuição da Amostra em Relação ao Tipo se Ensino 28
Figura 3. Percentagem da Distribuição da Amostra em Relação ao Ano de Escolaridade 29
Figura 4. Percentagem da Distribuição da Amostra em Relação ao Rendimento Escolar 29
Figura 5. Percentagem da Distribuição da Amostra em Relação à História de Reprovação 30
Figura 6. Percentagem da Distribuição da Amostra em Relação ao Número de Reprovações 30
Figura 7. Percentagem da Distribuição da Amostra em Relação ao Comportamento Escolar 31
Figura 8. Percentagem da Distribuição da Amostra em Relação ao Estado Civil dos Pais 32
Figura 9. Percentagem da Distribuição da Amostra em Relação à Situação de Residência nos Casos de Divórcio por Parte dos Pais 32
Figura 10. Percentagem da Distribuição da Amostra em Relação à Situação de Viuvez por Parte dos Pais 32
Figura 11. Percentagem da Distribuição da Amostra em Relação à Situação de Residência 34
Figura 12. Prevalência das vítimas, vítimas ocasionais e vítimas sistemáticas na amostra, por subescalas do PVS 34
Figura 13. Prevalência dos não agressores, agressores ocasionais e agressores sistemáticos na amostra, por subescalas do PVS 40
Figura 14. Valores de Prevalência dos Indicadores de Traços de Psicopatia na Amostra 47
Figura 15. Frequências relativas da classificação de acordo com as pontuações do $PVS_{total}$ vítimas e $PVS_{total}$ agressores 51

**Índice de Tabelas**

Tabela 1. Características do *bullying* 8

Tabela 2. Prevalência (vítimas físicas) das não vítimas, vítimas ocasionais e vítimas sistemáticas físicas por amostra global, género, faixa etária, tipo de ensino, escolaridade, reprovação,número de reprovações, comportamento e pessoas com quem vive – n (%) 35

Tabela 3. Prevalência (vítimas sociais) das não vítimas, vítimas ocasionais e vítimas sistemáticas sociais por amostra global, género, faixa etária, tipo de ensino, escolaridade, reprovação, número de reprovações, comportamento e pessoas com quem vive – n (%) 36

Tabela 4. Prevalência (vítimas verbais) das não vítimas, vítimas ocasionais e vítimas sistemáticas sociais por amostra global, género, faixa etária, tipo de ensino, escolaridade, reprovação, número de reprovações, comportamento e pessoas com quem vive – n (%) 38

Tabela 5. Prevalência (vítimas de ataque à propriedade) das não vítimas, vítimas ocasionais e vítimas sistemáticas sociais por amostra global, género, faixa etária, tipo de ensino, escolaridade, reprovação, número de reprovações, comportamento e pessoas com quem vive – n (%) 39

Tabela 6. Prevalência (agressores físicos) dos não agressores, agressores ocasionais e agressores sistemáticos físicos por amostra global, género, faixa etária, tipo de ensino, escolaridade, reprovação, número de reprovações, comportamento e pessoas com quem vive – n (%) 41

Tabela 7. Prevalência (agressores sociais) dos não agressores, agressores ocasionais e agressores sistemáticos físicos por amostra global, género, faixa etária, tipo de ensino, escolaridade, reprovação, número de reprovações, comportamento e pessoas com quem vive – n (%) 42

Tabela 8. Prevalência (agressores verbais) dos não agressores, agressores ocasionais e agressores sistemáticos físicos por amostra global, género, faixa etária, tipo de ensino, escolaridade, reprovação, número de reprovações, comportamento e pessoas com quem vive – n (%) 44

Tabela 9. Prevalência (agressores de ataque à propriedade) dos não agressores, agressores ocasionais e agressores sistemáticos físicos por amostra global, género, faixa etária, tipo de ensino, escolaridade, reprovação, número de reprovações, comportamento e pessoas com quem vive – n (%) 45
Tabela 10. Valores de Prevalência dos Indicadores de Traços de Psicopatia, por Género 48
Tabela 11. Valores de Prevalência dos Indicadores de Traços de Psicopatia, por Idade 48
Tabela 12. Valores de Prevalência dos Indicadores de Traços de Psicopatia, por Tipo de Ensino 49
Tabela 13. Valores de Prevalência dos Indicadores de Traços de Psicopatia, por Ano de Escolaridade 50
Tabela 14. Testes de Kolmogorov-Smirnov, Skewness e da Kurtosis para a normalidade da variável $YPI_{total,}$ por grupo de classificação 52
Tabela 15. Valores descritivos do $YPI_{total}$ por grupo de classificação 52
Tabela 16. Teste ANOVA tendo como fator a classificação e variável dependente o $YPI_{total}$ 53
Tabela 17. Resultados dos testes poht-hoc Tukey HSD 53
Tabela 18. Testes de Kolmogorov-Smirnov, Skewness e da Kurtosis para a normalidade das 3 superdimensões do YPI, por grupo de classificação 54
Tabela 19. Teste M de Box à homogeneidade de variâncias-covariâncias 55
Tabela 20. Teste de Levene da homogeneidade das variâncias 55
Tabela 21. Valores descritivos das pontuações das superdimensões do YPI, por grupo de classificação 56
Tabela 22. Resultados dos testes multivariados (MANOVA) 56
Tabela 23. Resultados dos testes ANOVA para cada variável dependente (superdimensões do YPI) 57
Tabela 24. Resultados dos testes poht-hoc Tukey HSD para cada uma das variáveis dependentes 58

# Introdução

A presente investigação é realizada no âmbito da temática do *bullying* e traços de psicopatia para verificar as suas prevalências quer a nível de vitimização como a nível de agressão. Através das prevalências pretende-se também verificar a percentagem de vítimas e agressores (*bullers*) de acordo com os quatro fatores (física, social, verbal e ataque à propriedade), relativamente à amostra global, faixa etária, género, tipo de ensino, escolaridade, rendimento escolar, reprovações e classificação do seu comportamento.

As crianças portuguesas são das que mais sofrem ações de violência física ou psicológica da união Europeia (UNICEF, 2007).

Pacheco (2011), refere que tendo o *bullying* como exemplo, as crianças que apresentam comportamentos atípicos podem estar associados a traços de psicopatia, sendo que são aquelas que, desde muito cedo, demonstram uma perversidade maior.

Ao longo das investigações sobre *bullying*, têm sido utilizados e também desenvolvidos alguns instrumentos para avaliar os comportamentos agressivos, contudo não associam a esta temática a presença de traços de psicopatia, daí a iniciativa de elaborarmos a dissertação sobre esta temática.

A parte I do presente estudo é direcionada para a abordagem do estado da arte perante a dinâmica do *bullying*, nomeadamente sobre o fenómeno, a prevalência, a sua caracterização, os intervenientes e também é feita referência ao enquadramento jurídico.

A parte II inicia-se com a apresentação dos instrumentos selecionados para o nosso estudo.

Posteriormente no capítulo II apresentamos quais os objetivos do estudo, as variáveis em estudos, os procedimentos de recolha de dados, aspetos éticos e os procedimentos estatísticos utilizados ao longo da investigação.

Á posteriori apresentamos o estudo descritivo da amostra e as suas prevalências de agressão e vitimização e dos indicadores de traços de psicopatia. No final expomos a classificação dos indivíduos de acordo com as pontuações do $PVS_{total}$ vítimas e $PVS_{total}$ agressores, seguida da comparação do $YPI_{total}$ entre vítimas e agressores e finalmente a comparação das pontuações das 3 superdimensões do YPI entre vítimas e agressores, para analisar o valor que cada grupo tem em cada dimensão.

No culminar do presente estudo, no capítulo três, sistematizamos as principais conclusões do estudo, bem como descrevemos as limitações com que a investigação se deparou, facultando indicações para futuras investigações.

# Parte I

# Componente Teórica

"A criança tem direito a ser protegida contra (…) os maus tratos…".

(Declaração Universal dos Direitos da Criança)

# Capitulo I: Estado de arte

## 1.1. *Bullying*

Atualmente a agressividade entre pares denominada por *bullying* é um tema de extrema relevância na área da Psicologia, pois este tipo de acontecimentos sejam eles cometidos (*bully*) ou sofridos (vítima) deixam marcas para o futuro.

O termo *bullying* tem sido cada vez mais mediatizado. De forma crescente este vocábulo tem sido espalhado tanto pelos meios de comunicação social quanto por pais e mesmo por alunos de todas as escolas do país. Todos parecem saber do que falam quando pronunciam um termo de origem anglo-saxónica, estando a população de acordo quanto à negatividade, não da palavra, mas dos atos que ela descreve.

De uma forma muito resumida o *bullying* pode ser descrito como uma agressão que jovens ou crianças infligem sobre outros jovens e crianças. Também é comummente aceite que o *bullying* pode ser físico ou psicológico e não restam dúvidas de que o mesmo ato está a crescer à medida que os seus autores e vítimas mais convivem com as novas ferramentas da tecnologia. Nos dias de hoje a internet / novas tecnologias têm tido uma elevada procura por parte dos autores de *bullying* para levarem a cabo os seus intentos.

Sendo que o tema tem vindo a ser alvo de inúmeras discussões, tantas delas motivadas por trágicos desfechos, são também muitas as interpretações com que nos deparámos ao longo de uma caminhada de pesquisa sobre o mesmo.

Importa saber que apesar do aparente consenso sobre esta temática não existe uma definição académica para o *bullying* que se possa considera satisfatória *per si,* tão pouco definitiva. À medida que o interesse académico se vira para este tema mais e mais abordagens, vão sendo publicadas.

Segundo um relatório da UNICEF sobre o bem-estar infantil e juvenil nas economias mais avançadas do mundo (2007), as crianças portuguesas são das que mais sofrem ações de violência física ou psicológica (da união Europeia). A par da Áustria e da República Checa, Portugal integra o grupo em que, mais de 40% das crianças auscultadas afirmam terem sido

vítimas de violência física, psicológica ou verbal por parte dos colegas, um tipo de agressão conhecida por *bullying*.

A violência é um problema global de saúde e a sua prevenção é fundamental. A Organização Mundial de Saúde (OMS) refere-se à violência como um uso intencional de força física ou de poder dirigida contra o próprio ou contra outra pessoa ou grupo que pode resultar em morte, maus tratos, danos psicológicos, privação ou défices de desenvolvimento (WHO, 2002; cit. por Matos, Negreiro & Gaspar, 2009).

Dan Olweus pioneiro na investigação da problemática do *bullying* (no final dos anos 70) explica no seu livro Bullying at School: What we know and what we can do (1993) que a vitimização ou mal trato por abuso entre iguais é uma conduta de agressão física e/ ou psicológica realizada pelo aluno ou alunos elegendo outro aluno como vítima dos seus ataques. Esta ação negativa, intencionada e repetida coloca as vítimas em posições de que dificilmente podem sair pelos seus próprios meios. A continuidade destas agressões provoca nas vítimas efeitos claramente negativas: " baixa da sua autoestima, estados de ansiedade e mesmo quadros depressivos, o que dificulta a sua intergração no meio escolar e o desenvolvimento normal das aprendizagens" (Olweus, 1993; cit. por Serrate, 2009, p. 16).

O termo *bullying* derivado do vocábulo inglês *bully* é uma palavra que traduz alguém rude, aquele que gosta de ferir, de amedrontar ou ameaçar outro. Vários autores admitem ainda que o *bullying* é um comportamento intencional, com o objetivo principal de fazer mal e magoar alguém sendo um ato repetido ao longo do tempo (Milan, 2009; Chapell et al., 2004).

Para Randall (1996), o *bullying* implica o uso sistemático de poder quer seja através do uso da força ou da inteligência ou até mesmo pelo tamanho físico.

Como foi referido anteriormente os estudos sobre *bullying* iniciaram-se com a investigação de Olweus no início dos anos 70 na Noruega e Suécia, com um questionário que envolveu aproximadamente 80.000 estudantes de escolas primárias e secundárias (Matos, 2009).

Olweus criou em 1983 o chamado "questionário do abusador", o qual continha uma série de perguntas dirigidas a todos aqueles que integravam a comunidade escolar: alunos, professores, educadores, entre outros. Partindo deste questionário foi possível realizar pela primeira vez um estudo científico e empírico dos tipos de vítimas, o sexo dos agressores, o tipo de agressão, a sua incidência consoante a idade (Serrate, 2009).

### 1.2. Prevalência em Portugal

Em Portugal o estudo do *bullying* é recente, destacando-se os estudos de violência na escola: vítimas, provocadores e outros de Matos, M., e Carvalhosa, em 2002 e o Projeto Bullying- análise preliminar das situações de agressão no Ensino Básico, de Pereira, B., Almeida, A., e Valente, L., em 1994 (Serrate, 2009).

Em Portugal estão a ser efetuados programas de intervenção particularmente na área de formação de professores, intervenções curriculares e programas de mediação entre iguais (Serrate, 2009).

Nas investigações com amostras nacionais representativas (Carvalhosa, Lima, & Matos, 2002) verificou-se que, em 1998, 42.5% dos alunos entre os 11 e os 16 anos de idade relataram nunca se terem envolvido em comportamentos de bullying, 10.2% afirmaram serem agressores (uma vez ou mais, no último período escolar), 21.4% referiram serem vítimas (uma vez ou mais, no último período escolar) e 25.9% eram simultaneamente vítimas e agressores.

Num estudo realizado em Portugal por Carvalhosa, Lima & Matos (2002), o termo "*bullying*" foi descrito como: *uma ação de provocação quando um aluno, mais velho ou mais forte, ou um grupo de alunos, dizem ou fazem coisas desagradáveis a outro ou gozam com ele de uma forma que ele não gosta nada.* Neste estudo português 47.4% dos sujeitos afirmam já ter sido vítimas de *bullying* e 36.2% já terem provocado colegas mais novos ou mais fracos.

Com este estudo podemos verificar quais as características e as principais diferenças entre os jovens portugueses que apresentam diferentes tipos de envolvimento no *bullying*.

O sexo feminino está menos envolvido em comportamentos de *bullying* relativamente ao sexo masculino. Relativamente às vítimas estas frequentam anos de escolaridades mais baixos e são mais novos contudo também estão envolvidos em comportamentos de duplo envolvimento (vitimas e provocadores). Em suma, em Portugal, as raparigas, a faixa etária mais elevada e um nível de escolaridade mais elevada é onde se inserem os jovens que afirmam não se envolver em comportamentos de *bullying*. Evidenciam-se também diferenças relativamente ao grupo que agride ou provoca relativamente à relação com os pais, à violência fora da escola, à saúde mental (queixas físicas e psicológicas e sintomas de depressão), à atitude face à escola, ao nível socioeconómico e às expetativas de futuro (Carvalhosa et al., 2002).

No grupo dos provocadores existe maior prevalência do sexo masculino e classe etária mais elevada já no grupo das vítimas existe a prevalência de uma faixa etária mais

baixa, os que têm uma menor escolaridade e também os rapazes. Existem indicadores que diferenciam estes dois grupos, como a relação com os pares, o consumo de drogas, tabaco e álcool e a atitude face à escola e a violência fora da escola (Carvalhosa et al., 2002).

No estudo foi possível identificar quais os determinantes para os dois tipos de grupos (agressores/provocadores e vítimas). Os determinantes encontrados para os comportamentos de vitimação foram a violência fora da escola, a relação com os pais e os pares, os sintomas de depressão e as queixas físicas e psicológicas, a atitude face à escola, o nível socioeconómico, o sexo e a idade. Para os comportamentos de provocação foram identificados como determinantes a violência fora da escola, as queixas físicas e psicológicas, o consumo de tabaco e álcool, a atitude face à escola, o nível socioeconómico, o sexo e a idade (Carvalhosa et al., 2002).

Na Convenção dos direitos da Criança (2005), o problema do *bullying* aparece expresso como uma prioridade para todos os Estados, onde se apresentam pistas para o eliminar e onde se evidencia os grupos alvo mais vulneráveis (Carvalhosa, 2010).

A nível nacional, num estudo realizado em 2006, pela DECO Proteste, a alunos (36 902) do 7º ao 12º ano de escolaridade e a professores (9233) de 204 escolas de Portugal Continental, revelou que 37% dos alunos e 18% dos professores já foram vítimas de violência física ou psicológica. Isto significa que um em cada três alunos está envolvido em situações de violência dentro ou nas proximidades da escola. Estes dados são preocupantes e não podemos deixar de intervir, pois as consequências deste tipo de situações, a curto e a longo prazo são consideradas graves. Não só para os que estão diretamente envolvidos, mas para todos os que os rodeiam (pais, amigos, familiares). A investigação mostra que os comportamentos agressivos nas crianças predizem o risco de envolvimento em delinquência, abuso de substâncias, abandono escolar e até depressão. Assim é necessário efetuarem-se estudos sobre esta temática (Carvalhosa, 2010).

### 1.3. Caracterização do *bullying*

Existem dois tipos principais de *bullying*, físico e não físico, ambos aversivos e prejudiciais para o psiquismo da vítima. No *bullying* físico (vitimação física) estão incluídos comportamentos de empurrar os outros, bater, pontapear. Os piores casos parecem estar a ficar mais violentos, por vezes envolvendo armas, mas são notícia de primeira página nos jornais, porque são raros. O bullying não físico pode se subdividir em três grupos, nomeadamente vitimação social que inclui ignorar, não deixar participar, recusar falar com a vítima visando a discriminação e exclusão da vítima do seu grupo social; vitimação verbal, como: gozar, chamar nomes e insultar que correspondem a 80 % dos casos relatados de *bullying*; ataque à propriedade que inclui levar material de um colega sem autorização, estragar material de um colega de propósito e roubar (Alexander, 2007; Serrate (2009).

O objetivo do *bullying*, para aqueles que são seus agentes é fazer a outra pessoa sentir-se mal sobre si mesma. A perda de autoconfiança, a baixa autoestima, a ansiedade incapacitante desesperada são efeitos que os agressores (bullers) procuram (Alexander, 2007).

Olweus (1998) para reforçar a sua definição, caracteriza o bullying através dos seguintes critérios: (I) a intencionalidade do comportamento, isto é, o comportamento tem um objetivo de provocar mal-estar e adquirir controlo sobre outra pessoa; (II) o comportamento é conduzido repetidamente e ao longo do tempo, isto é, este comportamento não ocorre ocasionalmente ou isoladamente, mas passa a ser crónico e regular; (III) na dinâmica do bullying existe um desequilíbrio de poderes no qual, normalmente, os agressores vêm as suas vítimas como um alvo fácil (Olweus, 1998; cit. por Azenha, Rodrigues & Galvão (2012).

Em suma, e perante estas definições, podemos dizer que o *bullying* é um procedimento consciente, propositado, ponderado, hostil e repetido, que uma pessoa, ou um grupo de pessoas, leva a cabo com o propósito declarado de agredir outra pessoa ou grupo de pessoas. O *bullying* será, então, uma tentativa de afirmação de poder através do uso da agressão. Uma vez que tem como palco preferencial a escola podemos também dizer que o *bullying* parte de um aluno sobre um colega, repetidamente e ao longo de um certo espaço de tempo (tabela 1).

Tabela 1

*Características do bullying* (*adaptado de Serrate ,2009)*

| | |
|---|---|
| Vítima indefesa | Atacada por um provocador ou grupo de provocadores/agressores (bullers). |
| Persistência-continuidade | A agressão efetua-se de maneira recorrente durante longo período de tempo. É indispensável distinguir o episódio habitual para se poder falar de bullying na escola. E essa mesma persistência é um indicador eficaz do risco que corre todos os afetados. |
| Dor tolerada | A agressão supõe dor, não só no momento do ataque, mas de forma contínua, pois cria na vítima a expetativa de poder ser alvo de futuros ataques. Sentimento de insegurança permanente. |
| Desigualdade de poder; Desequilíbrio de forças | É uma situação desigual e de indefesa por parte da vítima. A relação de igualdade, o caráter horizontal da interação entre iguais desaparece quando falamos de maltrato ou se identifica uma relação hierárquica, de domínio e de submissão entre o agressor e a vítima. |
| Dirigida a um sujeito; Exercida individualmente ou em grupo | O objetivo da intimidação pode ser, apenas, um aluno, mas também podem ser vários, sendo neste caso menos frequente. Quem intimida pode fazê-lo sozinho ou em grupo, mas a intimidação é dirigida a sujeitos concretos. Nunca se intimida o grupo. Há formas de maltrato que podem ser realizadas coletivamente, sendo uma delas, "não deixar participar uma terceira pessoa". |

### 1.4. Intervenientes na dinâmica do *bullying*

Compreender de que modo o *bullying* afeta as vítimas é fundamental, para sensibilizar a população para a gravidade deste fenómeno. Contudo não podemos esquecer que esta relação é composta por pelo menos dois agentes, para além das vítimas temos os agressores, entre outros (agressores e vitimas simultaneamente). Coloca-se então uma questão, quem são afinal estes agressores?

Não nos podemos restringir apenas às vítimas, pois podemos estar a abandonar uma parte relevante para a compreensão da dinâmica existente no fenómeno *bullying*.

Olweus (1998), identifica o agressor como um individuo de temperamento agressivo e impulsivo, com grandes dificuldades de comunicação e de negociação, possuindo algumas dificuldades ao nível das competências sociais. Por outro lado o autor atribui também a estes sujeitos uma grande falta de sensibilidade para com os sentimentos da vítima, sendo totalmente alheios ao sentimento de culpabilidade. Exibem falta de controlo da raiva e elevado nível de hostilidade que faz com que interpretem as suas relações com os outros como fonte de conflito e agressão para os próprios (Olweus, 1998; cit. Serrate, 2009).

Para Azenha (2012) o *bullying* pode ser conduzido por um indivíduo (agressor/ provocador), ou por um grupo, contudo o alvo pode ser uma vítima (um individuo isolado) ou um grupo. Contudo, sempre que falamos em *bullying*, temos obrigatoriamente de especificar se estamos a falar de vítimas, agressores, e/ou vítimas e agressores, uma vez que detêm motivações e vivências muito distintas.

Segundo Durão (2010) são necessárias várias interações complexas de fatores para levarem ao risco do aparecimento de condutas violentas nas crianças e nos adolescentes, para que o *bullying* se evidencie (ter sido exposto a violência através de jogos ou da televisão, ou ter sido vitima de abuso sexual ou físico, viver num ambiente desestruturado ou com problemas psicológicos ou psiquiátricos severos). Para este autor os agressores são geralmente do género masculino, com idades entre os 11 e os 15 anos, apresentam baixa tolerância à frustração, são impulsivos, inseguros, manipuladores e antipáticos ou arrogantes. Frequentemente demonstram comportamentos hostis, problemas interpessoais e poucas competências morais e sociais.

Vila e Diogo (2009) acrescentam ainda que geralmente os agressores são mais fortes fisicamente e recorrem ao uso de armas brancas, ou tem um perfil violento e ameaçador.

Ambos os autores diferenciam dois tipos de agressores: o impulsivo e o dissimulado. O impulsivo tem dificuldades em compreender as emoções dos outros e por isso com tendências agressivas maiores. O dissimulado, ou seja os que planeiam mais as situações, possuem geralmente uma excelente cognição social, utilizando-a para manipular e controlar os outros indivíduos.

Para Cesar (2009) os agressores, acreditam que todos lhe devem fazer as suas vontades, talvez porque sofreram de uma educação ou orientação pouco adequada, querendo ser o centro das atenções. Os agressores sentem-se recompensados mesmo que em curto prazo, por obterem estatuto, poder ou objetos materiais que lhe eram desejáveis, portanto sentem prazer em estar na situação ou no papel que desempenham durante as ações de ameaças, agressões ou ridicularização das vítimas.

Através da revisão da literatura elaborada por Lopez, Amaral, Ferreira & Barroso (2011), é possível analisarmos os fatores implicados nos processos de bullying, a nível sociodemográficos, pessoais, familiares e escolares.

A nível sócio demográfico Lopez, Amaral et.al (2011) enumeram como fatores de risco, pertencer a uma minoria étnica; ser afro-americano; os rapazes são mais frequentemente agressores do que as raparigas; existência de desigualdades socioeconómicas. Como fator protetor é aludido o estatuto social médio. A nível pessoal foram evidenciados como fatores de risco, possuir baixos níveis de empatia; consumo substâncias psicoativas associação positiva a comportamentos de *bullying* como agressor; níveis elevados de autoestima associados aos comportamentos de *bullying;* as crianças vítimas de *bullying* apresentam níveis mais elevados de *stress* psicológico, autoestima mais baixa, baixo níveis de comportamentos saudáveis, capacidade de resolução de problemas mais baixa e perceção de identidade social mais baixa; crenças que apoiam a violência; representações sociais associadas aos comportamentos de *bullying*: uma aparência diferente, as diferenças comportamentais e as incapacidades, designadamente reação a algo diferente e considerar o *bullying* como um marco na posição social; maior envolvimento em experiências humilhantes associado a envolvimento em agressões físicas e verbais; estilo de vida categorizado como "rebelde" estar associado a ser agressor no processo de *bullying*; **c**rianças diferentes na aparência ou no comportamento, maior envolvimento em comportamentos de *bullying* como vítimas. Como factores protetores são enumerados possuir um bom nível de gestão da vergonha (vergonha

integrativa). Níveis elevados de autoestima e de satisfação com a vida e níveis mais baixos de sintomatologia depressiva, stress e sentimento de solidão.

A nível familiar são enumerados como fatores de risco, a ausência da figura do pai, presença de mãe deprimida; pertencer a famílias disfuncionais (discussões graves e frequentes); fraca supervisão dos pais/inadequado envolvimento com a criança; pais autoritários, ásperos e punitivos; autoritarismo, famílias violentas, altos níveis de violência na comunidade; quanto mais o estilo parental é baseado no locus de controlo externo, menos efetivas são as práticas de disciplina. Como fatores protetores são refenciados a presença de irmãos e coabitação com os pais; coesão e afetividade familiar; ligações parentais; pertencer a famílias democráticas e passivas.

Fatores de risco a nível escolar são nomeados a frequência de um nível de escolaridade mais baixo; frequentar uma escola sub-urbana; maior rácio estudante-professor; gratuitidade das refeições na escola (diretamente relacionado com carências económicas das crianças); fraco suporte dos professores; isolamento social e a rejeição pelos pares (vitimização); a popularidade entre os colegas (agressor) e menor popularidade (vítima). Quanto aos fatores protetores temos o papel ativo na escola; bom desempenho escolar e mobilidade dos estudantes estão associados com a redução do risco de vitimização.

Os agressores(as) são muitas vezes populares, encantadores (as) para os adultos e têm muitos amigos e amigas, mesmo que as suas amizades sejam baseadas no medo. Para a maioria das pessoas parecem líderes, no entanto o que os agressores não têm é empatia e isso pode ser o elemento crítico na diferenciação entre rapazes e raparigas com verdadeiras capacidades de liderança (Haber, 2009).

Os rapazes e as raparigas tendem a expressar o comportamento violento de forma diferente. Os rapazes tendem a apresentar um comportamento violento mais aberto e anti-social através da utilização da agressão física e agressão social, enquanto as raparigas expressam o seu comportamento agressivo através de agressão indireta, denominada, manipulação social, sendo mais subtis na forma de agrediram o outro, utilizando maioritariamente o que não se pode ver diretamente (agressões) mas a agressão social, tentando isolar a vítima (Matos, Negreiros, Simões & Gaspar, 2009).

### 1.5) Enquadramento jurídico

No dia 21 de janeiro de 2011 foi aprovada a proposta de Lei n.º 46/XI/ 2ª onde se propõe que o *bullying* venha a ser tipificado na Lei como crime mas tal proposição legal ainda não foi discutida nem levada a cabo.

Ainda que tal situação se encontre a ser estudada já existem na Lei portuguesa mecanismos que condenam alguns dos atos violentos compreendidos pelo *bullying*, como, por exemplo, o artigo 143.º do Código Penal que regulamenta situações de Ofensa à integridade Física Simples, ou o 153.º que considera crime a prática de ameaça. No Código Penal encontramos ainda o artigo 154.º. que penaliza a Coação; o 163.º, que classifica a coação sexual como crime, o 170.º, que aborda a importunação sexual e o 180.º que criminaliza a discriminação.

No entanto, e como é do conhecimento comum, a Lei Portuguesa impede os jovens menores de 16 anos de serem judicialmente responsabilizados pelos seus atos e o *bullying* é uma prática, que como já vimos, perpetrada, maioritariamente por indivíduos dessa idade.

Assim, e de acordo com as molduras penais existentes, estes jovens agressores, a serem penalizados, terão de o ser reclassificados como processos tutelares educativos, aplicando-se-lhes a Lei Tutelar Educativa. A Lei Tutelar Educativa prevê a aplicação de medidas tutelares como a admoestação, a privação do direito de conduzir ciclomotores, a reparação do ofendido, o pagamento de prestações económicas, a realização de tarefas comunitárias, a imposição de regras de conduta, a imposição de obrigações, a frequência de programas formativos, o acompanhamento educativo e o internamento em centros educativos (Proposta de Lei n.º 46/XI/2.ª, 2010).

"*Os filmes não criam psicopatas. Eles só os tornam mais criativos"* (Skeet Ulrich)

## Capitulo II: Traços de Psicopatia

O conceito de psicopatia e o próprio uso da nomenclatura só se estabeleceram de facto a partir do trabalho de 1941 de Hervey Cleckley, intitulado *The Mask of Sanity* (Cleckley, 1988). A literatura aponta essa obra como decisiva na definição do conceito (Vaugh & Howard, 2005; Vien & Beech, 2006).

Gonçalves (1999) afirma que a definição deste conceito foi alvo de várias influências, quer em termos da sua evolução na vertente científica, quer em termos da sua utilização ao nível da linguagem de senso comum, onde este conceito surgiu como sinónimo de "louco" ou "criminoso".

Citando Gonçalves (1999, p.97), pode-se "concluir que coexistem hoje várias definições de psicopatia, e que consoante os países e respetivas legislações e/ou tradições científicas, o emprego do termo varia". Nalguns países, a psicopatia está de certo modo englobada no Distúrbio de Personalidade Anti-Social, mas estas definições acabam por ser muito vagas. Nalguns países europeus a abordagem categorial é variada, e o caso português, apesar de próximo da conceção norte americana, permanece ligado às ideias de Schneider (Polimorfismo da psicopatia).

No sentido de dar ordem à disparidade de termos e menções em torno do conceito de psicopatia e personalidade psicopática, Gray & Hutchinson (1964) cit. por Gonçalves (1999) aplicaram um questionário a cerca de um milhar de psiquiatras, e os resultados mostram que o conceito era composto por dez características: incapacidade de aprender pela experiência; ausência de sentido de responsabilidade; incapacidade de estabelecer relações significativas; falta de controlo dos impulsos; ausência de sentido moral; anti-socialidade crónica ou periódica; a punição é ineficaz na alteração do comportamento; imaturidade emocional; incapacidade para sentir a culpa e egocentrismo.

As características da psicopatia listadas por Cleckley (1941/1976) foram as seguintes: 1) Charme superficial e boa inteligência; 2) Ausência de delírios e outros sinais de pensamento irracional; 3) Ausência de nervosismo e manifestações psiconeuróticas; 4) Não-confiabilidade; 5) Tendência à mentira e insinceridade; 6) Falta de remorso ou vergonha; 7) Comportamento anti-social inadequadamente motivado; 8) Juízo empobrecido e falha em aprender com a experiência; 9) Egocentrismo patológico e incapacidade para amar; 10) Pobreza generalizada em termos de reações afetivas; 11) Perda específica de *insight*; 12) Falta de reciprocidade nas relações interpessoais; 13) Comportamento fantasioso e não convidativo sob influência de álcool e às vezes sem tal influência; 14) Ameaças de suicídio raramente levadas a cabo; 15) Vida sexual impessoal, trivial e pobremente integrada; 16) Falha em seguir um plano de vida.

Após os estudos e subsequentes descobertas de Cleckley, Hare inicia-se nas investigações tendo por base a psicopatia. De referir que Hare foi um investigador de extrema importância no domínio da psicopatia, tendo contribuído com novos conhecimentos para o estudo e avaliação do conceito de psicopatia (Soeiro & Gonçalves, 2010).

Segundo Hare, a psicopatia é constituída por dois fatores correlacionados entre si. O primeiro fator relaciona-se com os aspetos clínicos que caracterizam a perturbação, nomeadamente com os aspetos interpessoais e afetivos, o segundo fator associa-se aos aspetos comportamentais, nomeadamente o comportamento antissocial (Hare, 1980, 1991; Harpur, Hastkian, & Hare, 1988; cit. por Soeiro & Gonçalves, 2010).

Deste modo, para classificar alguém com psicopatia, esse sujeito têm de ter as características relacionadas com os dois fatores que Hare apresenta:

Loquacidade/ charme superficial; sentido grandioso de superioridade; necessidade de estimulação/propensão para o tédio; mentira patológica; astúcia/manipulação; ausência de remorso ou sentimento de culpa; afeto superficial; insensibilidade/ausência de empatia; estilo de vida parasita; controlos comportamentais diminutos; comportamento sexual promíscuo; problemas comportamentais precoces; ausência de objetivos realistas; impulsividade; irresponsabilidade; incapacidade de assumir a responsabilidade pelos próprios atos; relacionamentos conjugais numerosos e de curto prazo; delinquência juvenil; revogação de medidas alternativas ou flexibilizadoras da pena de prisão e versatilidade criminal (Hare, 1991; cit. por Gonçalves, 2007).

O trabalho realizado por Quay e colaboradores (Quay & Parsons, 1971), permitiu a identificação de dois fatores que permitiram definir a psicopatia: a delinquência psicopática, que integrava aspetos como: fraca moralidade, rebeldia, impulsividade, e ausência de laços familiares; e a delinquência neurótica, que correspondia a tendências agressivas e impulsivas, sentimentos de culpa, remorsos, tensão e depressão. Posteriormente foi identificado pelo mesmo autor (Quay, 1977; cit. por Gonçalves, 1999) mais dois grupos de indivíduos, levando ao desenvolvimento de uma tipologia definida por quatro fatores: "sub-socialização" e "socialização", "défice de atenção" e "ansiedade- retraimento-disforia". Estes trabalhos deram suporte aos estudos da perspetiva clínica, desenvolvidos por Karpman (1955, citado por Gonçalves, 1999) e de Lykken (1957), já que replicaram uma divisão fatorial para definir psicopatia semelhante à apresentada pelos autores da vertente clínica. Assim, o psicopata agressivo corresponde à designação de psicopata primário, enquanto o psicopata neurótico corresponde à caracterização do psicopata secundário.

Jenkins (1960, citado por Gonçalves, 1999) também no seu trabalho tinha por base a análise de grupos de crianças com história de comportamento delinquente. Da análise dos resultados do estudo, o autor obteve três tipos distintos de psicopatas: "não socializado-agressivo", "sobre-ansioso", "socializado". O primeiro grupo era definido por tendências agressivas, crueldade, desafio à autoridade e sentimentos inadequados de culpa, o segundo grupo caracterizava-se por timidez, apatia, sensibilidade e submissão, o terceiro grupo está associado a grupos com envolvimento em histórias de roubo, ausências da escola e de casa, denominados por grupos anti-sociais (Gonçalves, 1999).

Nos trabalhos realizados por Solero (2010), veem descritos os estudos realizados por Blackburn (1971, 1975, 1986), em que este conseguiu distinguir os agressores em duas dimensões: os sub-controlados e os sobre-controlados. Destes trabalhos resultou ainda uma tipologia que subdividia os psicopatas em quatro subgrupos: (1) psicopatas primários; (2) psicopatas secundários; (3) psicopatas inibidos; (4) psicopatas conformados (Blackburn, 1984). Assim, os psicopatas primários apresentavam baixa ansiedade e elevada extroversão, ao contrário dos psicopatas secundários que eram definidos como introvertidos e com elevada ansiedade. Blackburn (1984) verificou que 52% de psicopatas primários e 8% de psicopatas inibidos tinham história de reincidência de atos violentos.

Segundo a American Psychiatric Association (APA, 2002), a maioria das vezes, alguns dos seus sintomas podem ser observados só em adultos e/ou na adolescência, por meio de comportamentos agressivos que, durante estes períodos, são denominados de transtornos de conduta.

Laranjeira (2007) considera contudo que por fazer parte dos transtornos de personalidade, a psicopatia só pode ser diagnosticada a partir dos dezoito anos de idade. Realçando ainda que os transtornos de personalidade não são propriamente doenças, mas anormalidades do desenvolvimento psicológico que perturbam a integração psíquica de forma persistente e ocasional no indivíduo, padrões profundamente entranhados, inflexíveis e mal ajustados, tanto em relação aos seus relacionamentos, quanto à perceção do ambiente e de si mesmos.

Contudo, com o desenvolvimento de novos estudos começa a declarar-se que a psicopatia é considerada como uma perturbação do desenvolvimento, que pode estar presente no final da infância, ou no início da adolescência, e que continua a desenvolver-se até a adultícia, sendo que a estabilidade destes traços na maioria dos estudos desenvolvidos, tem sido descoberta como moderada a elevada (Andershed, 2010).

Sendo assim a psicopatia é designada como a síndrome que compreende um conjunto de traços interpessoais, comportamentais, e afetivos, enquanto os traços de psicopatia podem ser definidos como traços e comportamentos do indivíduo que constituem a síndrome da psicopatia (Andershed, 2010).

A questão da estabilidade e da natureza própria da psicopatia antes da vida adulta deverá ser resolvida, sem prejuízo das considerações que emitimos anteriormente sobre a dependência, face à teoria, da interpretação dos dados empíricos. De uma maneira geral, os autores concordem que existe ainda uma escassez de estudos longitudinais sobre a psicopatia (Simões, 2011)

O rótulo (psicopatia) pode trazer sérias consequências no plano legal e que, dada a presente e não resolvida controvérsia sobre a tratabilidade desta 'patologia' (Salekin, 2002; Harris & Rice, 2006; cit. por Simões, 2011) essas consequências poderiam estender-se ao domínio clínico. Será pois eticamente recomendável que qualquer diagnóstico de psicopatia, em especial quando aplicado a adolescentes, seja suportado por critérios cientificamente rigorosos (Frick, 2002; cit por Simões, 2011). Consequentemente, de um modo geral, esses autores tendem a evitar a designação de psicopata quando se referem a pré-adultos, preferindo antes a de "indivíduos com traços psicopáticos"

Argumentos invocados para se falar de psicopatia juvenil são diversos. Lynam (1996) citado por Simões, 2011, cunhou a expressão "psicopata incipiente" (*fledgling psychopath*) para designar as crianças com problemas de conduta (CP) que exibiam simultaneamente níveis elevados de problemas de hiperatividade, impulsividade e de atenção (HIA) e que, no

seu entender, estavam "afetados por uma variante virulenta de perturbação de comportamento (CD) que será mais apropriadamente descrita como psicopatia incipiente" (p. 209).

Desta forma é relevante ao longo do nosso estudo verificar se na amostra recolhida se evidência a relação entre traços de psicopatia e *bullying*.

### 2.1. Relação entre traços de psicopatia e Bullying

Ao realizarmos o estudo da possível existência de traços de psicopatia nas crianças/ adolescentes verificamos que existe pouca investigação que relacione este dois conceitos, daí a pertinência do nosso estudo.

As crianças e adolescentes, detentores de traços psicopáticos, costumam realizar intimidações contra pessoas pertencentes aos seus grupos sociais, mais comumente, no ambiente escolar, caracterizando o acontecimento de um fenômeno denominado *bullying*, ou seja, através da ocorrência de atitudes características desse quadro comportamental, pode-se, provavelmente, prever o desenvolvimento de adultos psicopatas (Silva, 2008).

Como tal, a agressão a outras crianças, inclusive amigos e irmãos, também pode indicar um futuro psicopático. Quando os atos de violência (física ou moral), ou ainda as brincadeiras acompanhadas com 'segundas intenções', são praticados continuamente e de forma intencional no ambiente escolar, estamos diante do '*bullying* escolar, no qual a expressão *bullying* também pode ser empregada quando tais atos forem praticados em qualquer ambiente social, inclusive no seio familiar e profissional, independente da idade das partes envolvidas. Não precisam ser, necessariamente, crianças ou adolescentes ou encontrar-se no ambiente escolar. Contudo, para melhor explicitarmos uma das características marcantes do psicopata, apontaremos apenas o *bullying* escolar, já que é desde cedo que se manifesta o seu lado sombrio (Leme & Leme, 2011).

Segundo Pacheco (2011), tendo o *bullying* como exemplo, as crianças que apresentam comportamentos atípicos podem estar associados a psicopatia, sendo que "São aquelas que, desde muito cedo, demonstram uma perversidade maior, inclusive com agressões a irmãos, a familiares, a qualquer desrespeito de normas, e muita manipulação, maldade, no sentido de jogar com as pessoas, inclusive com os pais e familiares".

Indivíduos que praticam bullying partilham algumas características com os psicopatas corporativos (Hogan,sd):

- Infância turbulenta - Problemas com os pais, baixo nível socioeconômico, desordens psiquiátricas de origem materna e abuso infantil são temas recorrentes entre adultos agressores.

- Ambição feroz - apesar do fato de que as adversidades na infância são associadas a positivas lições de vida para aqueles que conseguem ultrapassá-las, para os psicopatas a impotência daquelas experiências iniciais geralmente criam uma ambição feroz pelo poder e uma ideologia do ódio. Essa ideologia legitima o uso da agressão e coerção como táticas para seguir adiante, além de ajudar essas pessoas a deixar de ver seus alvos como seres humanos, e apenas como objetos a serem manipulados.

Assim, os fatores de vulnerabilidade e suscetibilidade de psicopatia relacionam-se aqui a comportamentos infantis, tais como insensibilidade e falta de emoção, falta de empatia, de culpa ou remorso, e a fatores genéticos, que seriam os precursores da psicopatia adulta (Pacheco, 2011).

Quando questionada sobre se acha que as crianças/jovens que praticam *bullying* têm, necessariamente, traços de psicopatia? A autora e Psicóloga Silva (2009) reponde que "*Não, porém encontramos uma minoria que apresentam traços psicopáticos*". Os *bullers*, ou seja, os agentes agressores dentro do fenómeno *bullying* podem ser classificados em diversos grupos: 1º grupo – Os sujeitos que se comportam assim por uma nítida falta de limites nos seus processos educacionais no contexto familiar; 2º grupos - carecem de um modelo de educação que seja capaz de associar a autorrealização pessoal com atitudes socialmente produtivas e solidárias. Tais agressores procuram nas ações egoístas e maldosas um meio de adquirir poder e estatuto, e reproduzem os paradigmas domésticos na sociedade; 3º grupo - aqueles que vivenciam dificuldades momentâneas, como a separação dos pais, ausência de recursos financeiros, doenças crônicas ou terminais na família. A violência praticada por esses jovens é um fato novo em seu modo de agir e, portanto, passageiro; 4º e último grupo – deparamo - nos com a minoria dos opressores, porém a mais perversa. Trata-se de crianças ou adolescentes que apresentam a transgressão como base estrutural de suas personalidades. Falta-lhes o sentimento essencial para o exercício do altruísmo: a empatia, afirmando relativamente ao bullers que estes apresentam traços marcantes de psicopatia, denominado transtorno da conduta, com desejos mórbidos em ver o outro sofrer".

O Psicanalista Pimentel (2010, p.17) vai ainda mais longe, e escreve sobre as Psicopatias do Quotidiano. No seu artigo, este autor acredita que é preciso redefinir

"conceitos básicos que parecem perdidos: ética, empatia e tolerância" para ele estes farão uma grande diferença na nossa compreensão do mundo moderno. E considerando que "*Os psicopatas sabem o que estão a fazer, têm ampla consciência dos atos que praticam e não sentem nenhuma culpa ou remorso por nenhuma maldade feita*", os agressores/ *bullers* poderão possuir algum grau de psicopatia (baixa, moderada ou grave).

Os resultados do estudo realizado por Williams (2001), demonstra que existe uma pequena relação entre os indivíduos que apresentam fatores de comportamento anti-social, com outros fatores nomeadamente o narcisismo e comportamentos maquiavélicos correlacionados com crimes menores e até mesmo o bullying.

# Parte II

# Investigação

# Introdução

Ao longo dos capítulos anteriores procurou-se apresentar um enquadramento teórico dos conceitos inerentes à temática em estudo que se consideram fundamentais e fulcrais para sustentar os objetivos delineados nos subsequentes capítulos.

A compreensão da problemática em estudo possibilitou delinear de modo mais consistente os objetivos gerais e complementares.

A parte que iniciamos tem como primeiro objetivo fazer apresentação dos instrumentos selecionados para o nosso estudo.

Posteriormente no capítulo II apresentamos quais os objetivos do estudo, as variáveis em estudos, os procedimentos de recolha de dados e aspetos éticos e os procedimentos estatísticos utilizados ao longo da investigação.

Apresentamos de seguida o estudo descritivo da amostra e as suas prevalências de agressão e vitimização e dos indicadores de traços de psicopatia. No final apresentamos a classificação dos indivíduos de acordo com as pontuações do $PVS_{total}$ vítimas e $PVS_{total}$ agressores, seguida da comparação do $YPI_{total}$ entre vítimas e agressores e finalmente a comparação das pontuações das 3 superdimensões do YPI entre vítimas e agressores, para analisar o valor que cada grupo tem em cada dimensão.

## Capitulo I- Seleção dos instrumentos

Para se desenvolver a investigação foram selecionados instrumentos para a avaliação de comportamentos agressivos /vitimização (bullying), e para a avaliação da psicopatia, que são descritos pormenorizadamente de seguida.

### 1.1.Avaliação de comportamentos agressivos /vitimização (*bullying*)

Após análise das escalas para avaliação dos comportamentos agressivos/vitimização recorreu-se ao questionário Multidimensional Peer Vitimization Scale (PVS).

O questionário Multidimensional Peer Victimization Scale dirigido a jovens com idades compreendidas entre os 12 e os 19 anos. O questionário é composto por grupos, correspondendo ao primeiro, um grupo de dezasseis itens relacionados com possíveis maus tratos de que o aluno tenha sido vítima pelos seus colegas, durante o ultimo mês de aulas e, ao segundo um grupo de questões relacionadas com possíveis maus tratos que o aluno tenha feito a algum dos seus colegas, durante o último mês de aulas. Em ambos os questionários trata-se de um conjunto de questões fechadas, com uma escala de (0= Nunca e (2) Duas ou mais vezes (Veiga, 2007).

Relativamente às características psicométricas a escala é constituída por 4 fatores, em que a consistência interna (alpha de Cronbach) foi satisfatória: vitimização física, 0.85; social, 0.77; verbal, 0.75, e ataque à propriedade, 0.73. Um alpha de Cronbach igual a 0.78 e uma percentagem de variância explicada, acumulada para todos os factores, de 46.60% (Veiga, 2007).

Podemos verificar a existência de 4 fatores específicos: vitimização física, social, verbal, e relativa à propriedade, com valores de alpha adequados, respetivamente, 0.82, 0.78, 0.77, 0.70 e, no total, 0.84. A variância explicada, na totalidade dos factores, foi de 61.80%. De referir que é uma escala composta por 16 itens. Esta escala também apresenta boas qualidades psicométricas que a tornam relevante na investigação, para avaliara a vitimização e comportamentos agressivos entre pares em meio escolar (Veiga, 2007).

A escolha deste instrumento de avaliação deveu-se ao facto de perante análise de outras escalas (QEVE; EVAE), possuírem um elevado número de itens.

A escolha deste instrumento deveu-se igualmente ao facto de ser um instrumento adequado à população adolescente e aferido para a população portuguesa por Feliciano Veiga em 2007. Como referido anteriormente ao analisar várias escalas que avaliam os comportamentos agressivos, foram excluídos instrumentos dado o número elevado de itens das escalas, nomeadamente a escala QEVE (questionário de exclusão social e violência escolar), que avalia as condutas de vitimação, de agressão e de observação. Para o efeito considerou diversas variáveis psicossociais (estatuto sociométrico e atributos percebidos pelos pares) e sociocognitivas (desenvolvimento social e moral, competências sociais, ajustamento emocional) dos alunos envolvidos. Contudo é uma escala extensa constituída por 57 itens.

Questionário de auto-relato sobre o envolvimento em comportamentos de bullying. É dividido em 3 escalas, da vítima, do agressor e do observador, sendo que cada escala é constituída por um conjunto de 15 itens que visam avaliar em que medida o respondente foi vítima/agressor/observador de diferentes formas de agressão. Nestes conjuntos de 15 itens que compõem as 3 escalas do questionário, os 4 primeiros itens dizem respeito a situações de exclusão social ou bullying indirecto, os 2 itens seguintes remetem para a agressão verbal, os 5 itens posteriores dizem respeito a situações de violência com agressão menor e os últimos 4 itens referem-se a situações de violência com agressão grave. É a escala EVAE, que efetua a análise de comportamentos, referidos pelo próprio ("self-report") em situações de agressão, vitimação e observação em contexto escolar. Composta por 70 itens avaliados numa escala de formato tipo Likert de quatro pontos, relativa à frequência dos comportamentos (1= Nunca; 2= Raramente; 3= Muitas Vezes/ Frequentemente; 4= Sempre/Quase Sempre). Contudo trata-se de uma escala pioneira em Portugal no sentido de averiguar sobre o tipo e grau de envolvimento de um sujeito em situações de *bullying* e uma escala composta por 70 itens.

## 1.2. Avaliação de traços de psicopatia

Para avaliação do traços de psicopatia na adolescência e perante a carência de instrumentos em Portugal para avaliação do construto, recorreu-se à versão adaptada do *Youth Psychopathic Traits Inventory* (YPI), recentemente adaptado para a população portuguesa por Simões, Gonçalves e Lopes (2010), que permite avaliar traços de psicopatia em jovens.

O YPI é um instrumento de 50 itens, dirigido a jovens com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos, constituído por dez dimensões, as quais correspondem à descrição clássica da psicopatia, sendo elas: encanto-desonesto, grandiosidade, mentira, manipulação, ausência de remorsos, ausência de emoções, frieza emocional, impulsividade, irresponsabilidade e procura de emoções. Estas, por sua vez, organizam-se em três facetas ou superdimensões, designadamente, frieza emocional, manipulação interpessoal, e impulsividade. A cada item é permitida uma resposta de acordo com uma escala tipo Likert, de 4 pontos, variando entre "discordo muito" a "concordo muito" (Andershed, Kerr, Satin, & Levander, 2002; Simões, Gonçalves, & Lopes, 2010; Simões, 2011).

A escolha deste instrumento de avaliação, deve-se ao facto de ser um instrumento adequado à população adolescente, com um bom ajuste ao modelo teórico da psicopatia, por se tratar de um instrumento de autorrelato que permite uma aplicabilidade a grandes amostras, e por apresentar itens que são formulados de forma a permitir controlar a insinceridade das respostas, muitas vezes presente devido a uma questão de conveniência social (Simões, et al., 2010; Simões, 2011).

## Capitulo II- Estudos empíricos

### Objetivo 1

Realização do estudo descritivo da amostra, e de uma análise das prevalências das vítimas e agressores do *bullying* a nível físico, social, verbal e ataque à propriedade e posteriormente análise das prevalências dos traços de psicopatia, na população estudada ao longo da investigação.

Objetivo especifico:

a)Verificar as prevalências de vítimas e agressores (*bullers*) de acordo com os quatro fatores (física, social, verbal e ataque à propriedade, relativamente à amostra global, faixa etária, género, tipo de ensino, escolaridade, rendimento escolar, reprovações, classificação do seu comportamento.

### Objetivo 2

Classificar os agressores e vítimas de acordo com as pontuações do $PVS_{total}$ vítimas e $PVS_{total}$ agressores

Comparar os traços de psicopatia entre vítimas e agressores, para verificar quem tem a pontuação mais elevada e verificar se existem diferenças entre os grupos (puros, apenas vítimas, apenas agressores, vitimas e agressores.

Comparar as pontuações das 3 superdimensões do YPI entre vítimas e agressores para verificar se existem diferenças entre os grupos.

### Variáveis em estudo

Para o cumprir os objetivos referido anteriormente temos como variável independente o fator "classificação", (apenas vítimas, apenas agressores, vitimas e agressores simultaneamente e as não vítimas, nem agressores, denominados por puros), operacionalizados pela escala "*Multidimensional Peer Victimization Scale*". Como variáveis dependentes temos os traços de psicopatia operacionalizados pelo YPI, especificamente pelo YPI total e também as suas três superdimensões (Grandioso/ manipulativo; Frio e não emocional; Impulsivo e falta de sentido de responsabilidade).

Variáveis independentes secundárias/ Variáveis sociodemográficas: idade; sexo; rendimento escolar (positivo ou negativo);estado civil dos pais; tipo de ensino (profissional ou regular), para ambos os estudos.

**Procedimentos de recolha de dados e aspetos éticos**

O estudo foi desenvolvido nos distritos de Vila Real e Viseu. Dos contactos estabelecidos com todas as escolas dos dois distritos, apenas quatro não declinaram o progresso da nossa investigação.

Os dados foram recolhidos em duas escolas do ensino regular, que permitiu reunir uma amostra com alunos que apresentassem um rendimento escolar médio ou bom, e duas escolas do ensino profissional, para a obtenção de alunos desistentes do ensino regular por problemas de comportamento e/ou por um rendimento escolar inferior à media.

A execução da investigação foi precedida por um pedido de autorização aos pais feito através do conselho diretivo. Verificou-se uma maior aceitação pela parte das escolas profissionais em comparação com as escolas de ensino regular.

De referir que os diretores e presidentes do local onde foi recolhida a amostra, encarregados de educação e alunos, tiveram conhecimento sobre o teor da investigação, das condições de participação, e foram informados sobre a máxima confidencialidade dos dados recolhidos.

Após autorização da entidade responsável pelo local de recolha da amostra, cada encarregado de educação de cada participante do estudo assinou um termo de consentimento informado, permitindo assim, oficialmente, a colaboração do seu educando na investigação.

Posteriormente, o protocolo foi administrado em contexto de sala de aula. Explicou-se aos alunos os objetivos da investigação e foi salientado o facto de que os dados apenas seriam usados para a finalidade de investigação. Após terem sido lidas as instruções, foi-se percorrendo a sala de aula para o esclarecimento de qualquer dúvida suscitada. O tempo de preenchimento dos questionários na sua totalidade não ultrapassou os 60 minutos.

**Procedimentos estatísticos**

Ao longo do nosso estudo utilizamos o programa SPSS Statistic 20. Iniciando pelo estudo descritivo da amostra, este foi feito através de frequências absolutas e relativas (variáveis qualitativas) e da média, desvio-padrão, mínimo e máximo (variáveis quantitativas).

Para avaliar a consistência interna das respostas dos questionários utilizados, foi calculado o valor do Alfa de Cronbach, considerando-se as seguintes referências para a sua classificação (Pestana e Gajeiro, 2008):

- Consistência interna muito boa: alfa superior a 0.9
- Consistência interna boa: alfa entre 0.8 e 0.9
- Consistência interna razoável: alfa entre 0.7 e 0.8
- Consistência interna fraca: alfa entre 0.6 e 0.7
- Consistência interna inadmissível: alfa menor do que 0.6

O estudo da significância das prevalências foi feito recorrendo ao Teste do Qui-quadrado ou ao Teste Exato de Fisher. Segundo Marôco (2010), o Teste do Qui-quadrado é utilizado para testar se dois ou mais grupos independentes diferem relativamente a uma determinada caraterística e pode ser aplicado com rigor verificando as seguintes condições: a dimensão total da amostra deve superior a 20; os valores esperados devem ser superiores a 1 em todas as células; pelo menos 80% dos valores esperados devem ser superiores ou iguais a 5 em todas as células. Por estas condições não se verificaram, recorreu-se ao Teste Exato de Fisher que é uma alternativa ao Teste do Qui-Quadrado quando este não se deve aplicar (Marôco, 2010).

Foram realizadas diversas análises comparativas (ANOVAS) com a variável independente (classificação: puros, ou seja não são vítimas nem agressores; apenas vítima; apenas agressor e vítimas e agressores em simultâneo) e a variável dependente (YPI Total). Utilizamos também a MANOVA com a variável independente (classificação) anteriormente descrita, mas com três variáveis dependentes, nomeadamente as três superdimensões do YPI (grandioso/manipulativo, frio e não emocional e impulsivo e falta de sentido de responsabilidade. Após a verificação da significância da MANOVA, prosseguimos a análise com a realização de ANOVAS, uma para cada variável dependente. Quando as ANOVAS foram significativas, foram realizados os testes *poht-hoc Tukey HSD* para identificar os pares de grupos com diferenças estatisticamente significativas.

Quanto aos pressupostos para a realização das ANOVAS e MANOVAS, a normalidade dos dados foi avaliada pelo Teste de Kolmogorov-Smirnov e pela análise dos coeficientes de *Skewness* e *Kurtosis.* A homogeneidade das variâncias foi testada pelo Teste de Levene e a homogeneidade das matrizes de variâncias-covariâncias foi verificada pelo Teste M de Box.

## Estudo descritivo da amostra

Foi recolhida uma amostra de 428 indivíduos, que representam o universo das escolas que participaram no estudo. A média de idades ronda os 14 anos (*M*= 14,68; *DP*= 1,438). Do total, 230 (53,7%) pertencem ao género feminino, e 192 (44,9%) ao género masculino (considerando 6 não respostas). Destes, 79,9% frequentam escolas do ensino regular e 20,1% escolas do ensino profissional; ambas do distrito de Vila Real e Viseu.

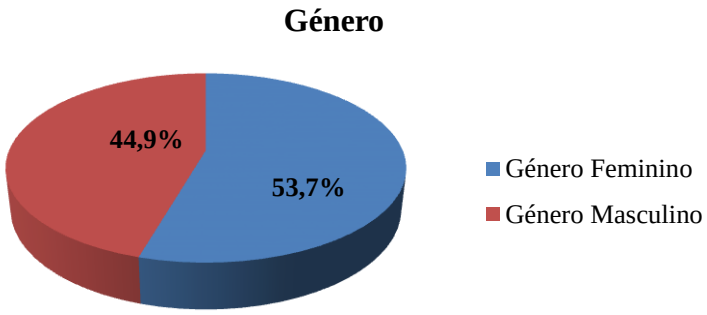


Figura 1. Percentagem da Distribuição da Amostra em Relação ao Género (N=422)

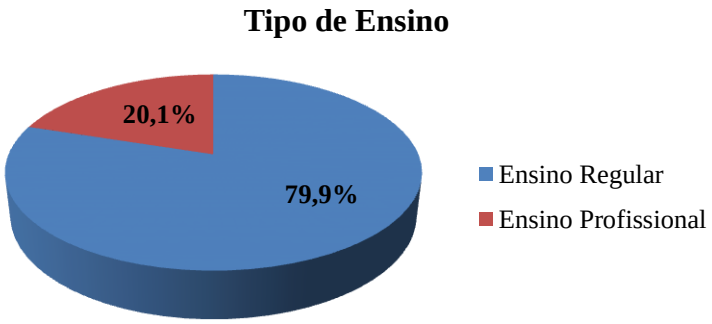


Figura 2. Percentagem da Distribuição da Amostra em Relação ao Tipo se Ensino (N=428)

**História escolar: ano de escolaridade, rendimento escolar, número de reprovações e comportamento escolar**

Da amostra em estudo, a maioria frequenta o 9º ano de escolaridade (38,9%), seguindo-se o 10º, 8º e 7º ano (16,9%, 13,8% e 10,5%), 6º e 11º ano (7,9% e 7%), e 12º e 5º ano (0,5% e 0,2%), tendo em consideração 19 não respostas (4,3%).

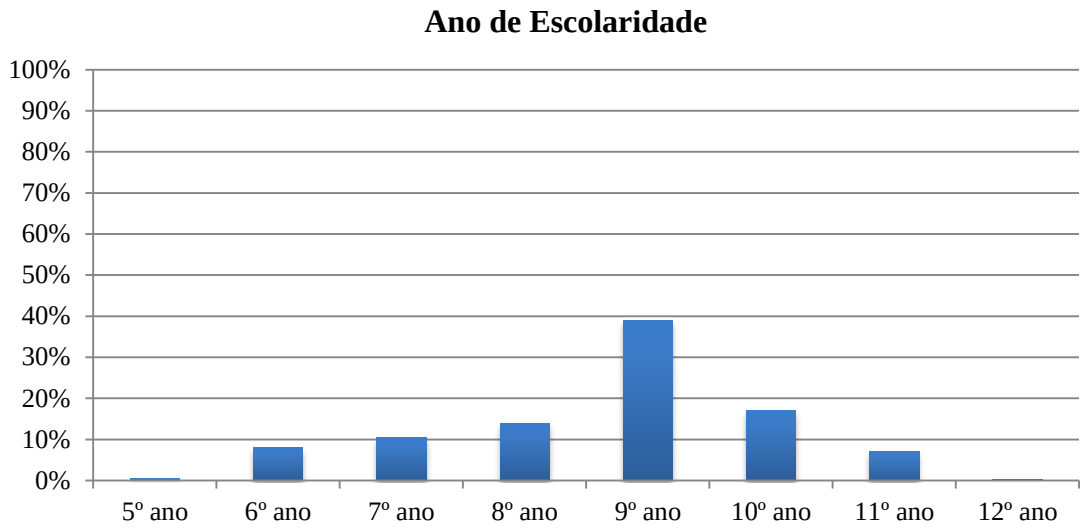


Figura 3. Percentagem da Distribuição da Amostra em Relação ao Ano de Escolaridade (N=409)

Do seu conjunto, 86,4% considera o seu rendimento escolar como positivo, e 10,3% como negativo (existindo 3,3% de não respostas).

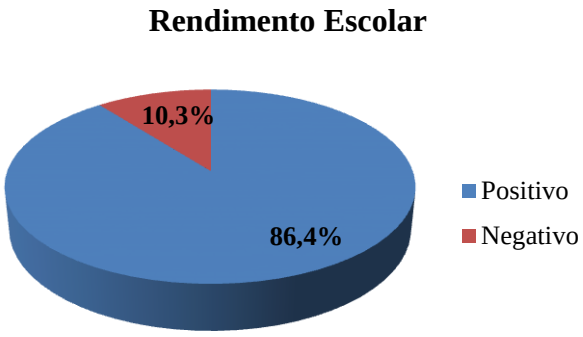


Figura 4. Percentagem da Distribuição da Amostra em Relação ao Rendimento Escolar (N=414)

Observa-se ainda que 36,9% já reprovou de ano, em oposição a 62,9% que nunca reprovou (observando-se 0,2% de não respostas). Dos 158 jovens (36,9%) com histórico de reprovação, 26% afirmam ter reprovado apenas 1 vez, 8,9% 2 vezes, 1,4% 3 vezes, e 4 e 5 vezes, 0,2% respetivamente (destes, acrescentam-se 0,2% de não respostas).

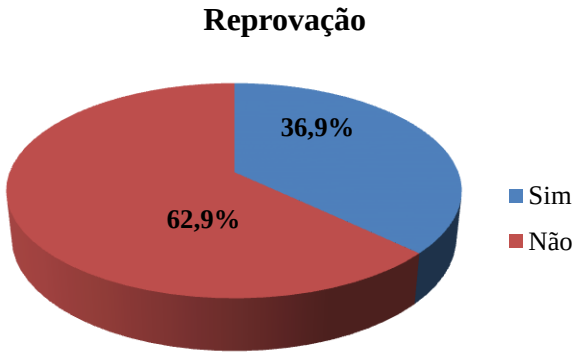


Figura 5. Percentagem da Distribuição da Amostra em Relação à História de Reprovação (N=427)

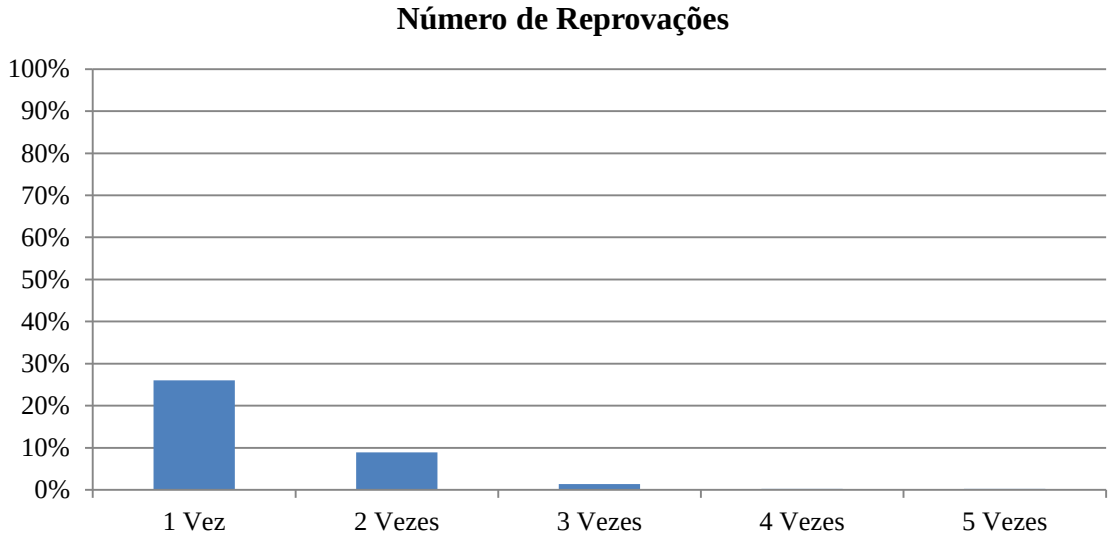


Figura 6. Percentagem da Distribuição da Amostra em Relação ao Número de Reprovações (N=157)

Em termos de comportamento na escola, 76,2% dos alunos consideram ter bom comportamento, 17,3% muito bom comportamento, 6,1% mau comportamento, e 0,2% muito mau comportamento (considerando 0,2% de não respostas).

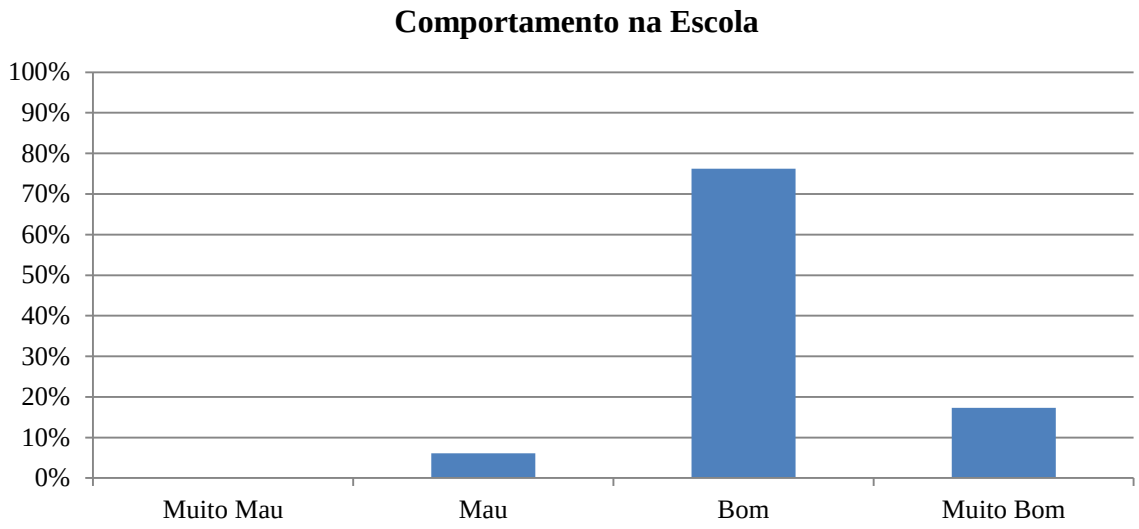


Figura 7. Percentagem da Distribuição da Amostra em Relação ao Comportamento Escolar (N=427)

**Dados familiares dos participantes: estado civil dos progenitores e com quem residem**

De acordo com os dados, 81,5% dos progenitores destes jovens são casados, 11% divorciados, 3,3% vivem em união de facto, e 2,8% indicam viuvez por parte de um dos pais (tendo em conta 1,4% de não respostas). Dos 47 jovens (11%) que indicaram divórcio por parte dos progenitores, 9,6% ficou a habitar com a mãe, 0,5% com os avós, e 0,2% com o pai ou numa instituição de acolhimento, respetivamente (considerando 0,5% de não respostas). Dos 12 jovens (2,8%) que indicaram viuvez por parte de um dos progenitores, 2,3% era referente a viuvez por parte do pai, e 0,5% por parte da mãe.

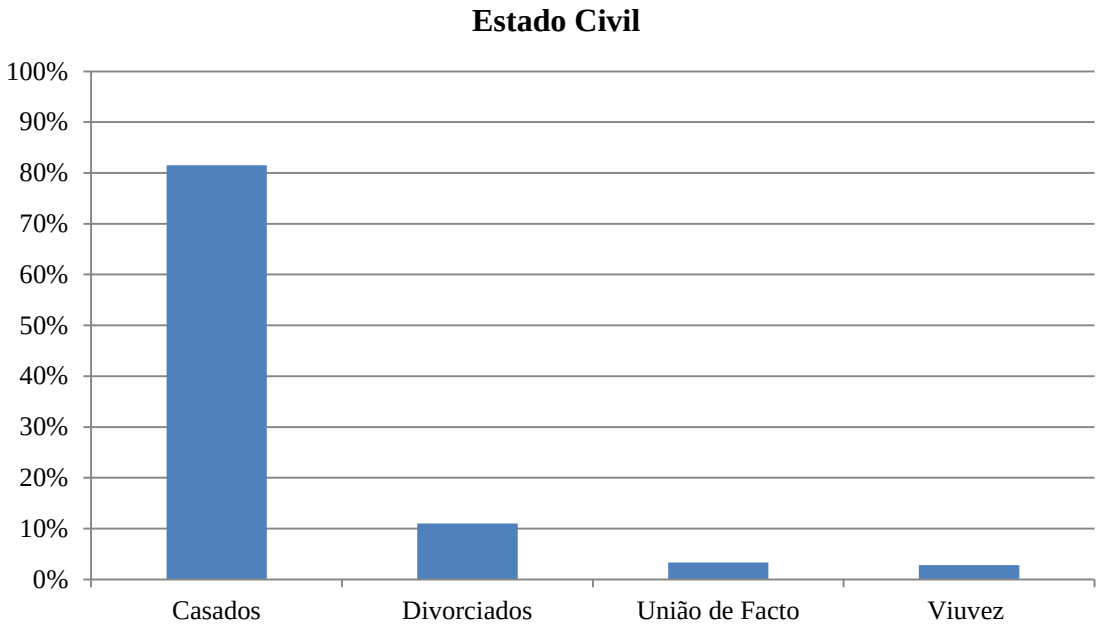


Figura 8. Percentagem da Distribuição da Amostra em Relação ao Estado Civil dos Pais (N=422)

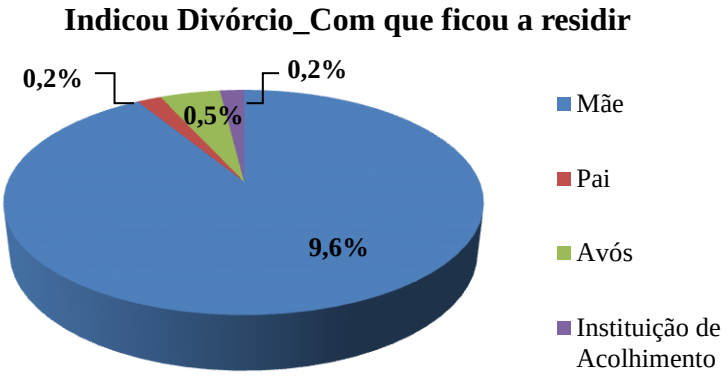


Figura 9. Percentagem da Distribuição da Amostra em Relação à Situação de Residência nos Casos de Divórcio por Parte dos Pais (N=45)

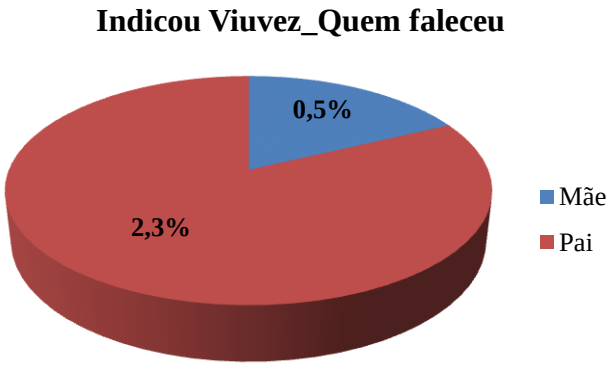


Figura 10. Percentagem da Distribuição da Amostra em Relação à Situação de Viuvez por Parte dos Pais (N=12)

Tendo em consideração os dados sobre com quem residem, 79,7% afirma residir com ambos os pais, 11,2% com a mãe, 3,1% vive com outros familiares/pessoas, 2,3% vive com um dos pais e a nova família, 2,1% vive numa instituição, e 1,4% vive apenas com o pai (observando-se 0,2% de não respostas).

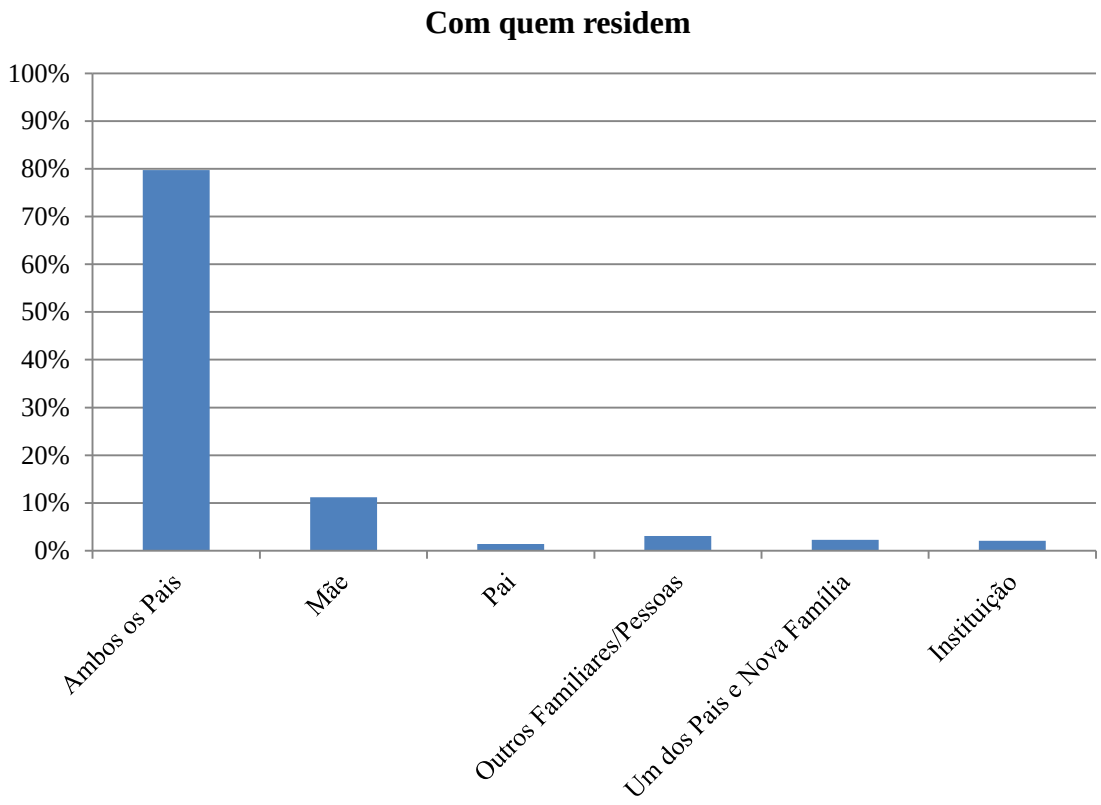


Figura 11. Percentagem da Distribuição da Amostra em Relação à Situação de Residência (N=427)

# 3.Resultados relativos à análise de prevalências

## 3.1. Estudo de prevalências de vítimas e agressores

A classificação das subescalas do PVS vítimas (física, social, verbal e propriedade) e PVS agressores (físico, social, verbal e propriedade) é igual à classificação do item com a classificação mais alta dentro dos itens de cada subescala, tendo como possíveis classificações:

- Não vítima/agressor – se o item da subescala com a classificação mais alta tem resposta "nunca";
- Vítima/agressor ocasional - se o item da subescala com a classificação mais alta tem resposta "uma vez";
- Vítima/agressor sistemático - se o item da subescala com a classificação mais alta tem resposta "duas ou mais vezes";

### 3.1.1Prevalências das vítimas

Considerando a amostra de 428 estudantes, observa-se uma maior prevalência de vítimas sistemáticas nas vítimas verbais (36,7%), seguindo-se as vítimas sociais (24,5%), as vítimas de propriedade (20,6%) e as vítimas físicas (14,3%) –figura 12.

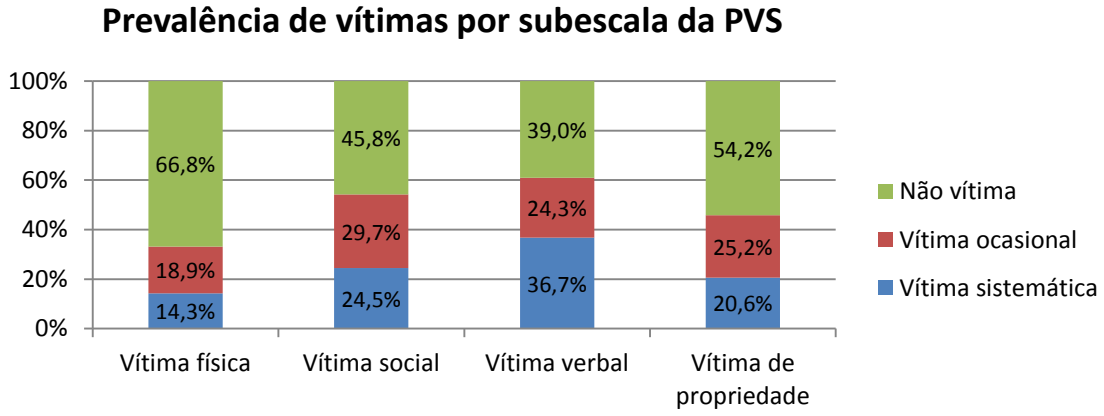


Figura 12. Prevalência das vítimas, vítimas ocasionais e vítimas sistemáticas na amostra, por subescalas da PVS (N = 428).

## Vítima física

Analisando as prevalências da tabela 2, verifica-se que a prevalência de vítimas físicas sistemáticas é superior nos rapazes (17,7%) do que nas raparigas (11,3%). Quanto à idade, as menores prevalências são entre os que têm 12 e 13 anos (9,4% e 10,9%) e a maior é nos alunos com 16 anos (16,4%). Nos alunos do ensino regular (14,6%) a prevalência é maior do que no profissional (12,8%) e em relação ao ano de escolaridade, é maior nos alunos do 7ºano (17,8%), 9ºano (16,9%) e 10ºano (16,7%). Quanto ao rendimento escolar e comportamento, a prevalência de vítimas físicas sistemáticas é superior entre os que têm rendimento negativo (22,7%), que já reprovaram (18,4%) e que têm pior comportamento. As diferenças são estatisticamente significativas no género (p = .003), reprovação (p = .004), número de reprovações (p = .023) e comportamento (p = .047).

Tabela 2

*Prevalência das não vítimas, vítimas ocasionais e vítimas sistemáticas físicas por amostra global, género, faixa etária, tipo de ensino, escolaridade, reprovação, número de reprovações, comportamento e pessoas com quem vive – n (%).*

| | **Não vítima** | **Vítima ocasional** | **Vítima sistemática** | **Total** | **p** |
|---|---|---|---|---|---|
| **Amostra global** | **286 (66,8%)** | **81 (18,9%)** | **61 (14,3%)** | **428** | |
| Feminino | 170 (73,9%) | 34 (14,8%) | 26 (11,3%) | 230 | .003* |
| Masculino | 112 (58,3%) | 46 (24,0%) | 34 (17,7%) | 192 | |
| 12 anos | 23 (71,9%) | 6 (18,8%) | 3 (9,4%) | 32 | .865* |
| 13 anos | 39 (70,9%) | 10 (18,2%) | 6 (10,9%) | 55 | |
| 14 anos | 70 (60,3%) | 28 (24,1%) | 18 (15,5%) | 116 | |
| 15 anos | 67 (67,7%) | 18 (18,2%) | 14 (14,1%) | 99 | |
| 16 anos | 47(70,1%) | 9 (13,4%) | 11 (16,4%) | 67 | |
| 17 anos | 40 (67,8%) | 10 (16,9%) | 9 (15,3%) | 59 | |
| Ens. regular | 222 64,9%) | 70 (20,5%) | 50 (14,6%) | 342 | .199* |
| Ens. profissional | 64 (74,4%) | 11 (12,8%) | 11 (12,8%) | 86 | |
| 5º ano | 1 (100%) | 0 (0,0%) | 0 (0,0%) | 1 | .131** |
| 6 º ano | 21 (61,8%) | 12 (35,3%) | 1 (2,9%) | 34 | |
| 7 º ano | 27 (60,0%) | 10 (22,2%) | 8 (17,8%) | 45 | |
| 8 º ano | 43 (72,9%) | 9 (15,3%) | 7 (11,9%) | 59 | |
| 9 º ano | 103 (62,0%) | 35 (21,1%) | 28 (16,9%) | 166 | |
| 10 º ano | 51 (70,8%) | 9 (12,5%) | 12 (16,7%) | 72 | |
| 11 º ano | 25 (83,3%) | 2 (6,7%) | 3 (10,0%) | 30 | |
| 12 º ano | 2 (100%) | 0 (0,0%) | 0 (0,0%) | 2 | |
| Rendimento escolar negativo | 24 (54,5%) | 10 (22,7%) | 10 (22,7%) | 44 | .137* |
| Rendimento escolar positivo | 254 (68,6%) | 66 (17,8%) | 50 (13,5%) | 370 | |
| Reprovou | 90 (57,0%) | 39 (24,7%) | 29 (18,4%) | 158 | .004* |
| Nunca reprovou | 195 (72,5%) | 42 (15,6%) | 32 (11,9%) | 269 | |
| Reprovou 1 vez | 66 (59,5%) | 25 (22,5%) | 20 (18,0%) | 111 | .023* |
| Reprovou 2 ou mais | 25 (52,2%) | 14 (30,4%) | 8 (17,4%) | 46 | |

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| Comportamento muito bom | 56 (75,7%) | 13 (17,6%) | 5 (6,8%) | 74 | .047** |
| Comportamento bom | 216 (66,3%) | 63 (19,3%) | 47 (14,4%) | 326 | |
| Comportamento mau | 14 (53,8%) | 5 (19,2%) | 7 (26,9%) | 26 | |
| Comportamento muito mau | 0 (0,0%) | 0 (0,0%) | 1 (100%) | 1 | |
| Vive sempre com ambos os pais | 229 (67,2%) | 69 (20,2%) | 43 (12,6%) | 341 | .503** |
| Vive apenas com o pai | 3 (50,0%) | 1 (16,7%) | 2 (33,3%) | 6 | |
| Vive apenas com a mãe | 31 (64,6%) | 7 (14,6%) | 10 (20,8%) | 48 | |
| Vive com um dos pais e a nova família | 7 (70,0%) | 2 (20,0%) | 1 (10,0%) | 10 | |
| Vive com outros fam./outras pessoas | 10 (76,9%) | 1 (7,7%) | 2 (15,4%) | 13 | |
| Vive numa instituição | 5 (55,6%) | 1 (11,1%) | 3 (33,3%) | 9 | |

* valor de significância do Teste do Qui-quadrado; ** valor de significância do Teste Exato de Fisher.

## Vítima social

Ao analisarmos as prevalências da tabela 3, verifica-se que a prevalência de vítimas sociais sistemáticas é ligeiramente superior nas raparigas (25,7%) do que nos rapazes (23,4%). Quanto à idade, a menor prevalências é entre os que têm 12 anos (18,8%) e a maior é nos alunos com 13 anos (32,7%). Nos alunos do ensino regular (26,0%) a prevalência é maior do que no profissional (18,6%) e em relação ao ano de escolaridade, é maior nos alunos do 7ºano (40,0%) e do 8ºano (30,5%). Quanto ao rendimento escolar e comportamento, a prevalência de vítimas sociais sistemáticas é superior entre os que têm rendimento negativo (36,4%), que já reprovaram (27,2%) e que têm pior comportamento. As diferenças apenas são estatisticamente significativas na no rendimento escolar (p = .026).

Tabela 3

*Prevalência das não vítimas, vítimas ocasionais e vítimas sistemáticas sociais por amostra global, género, faixa etária, tipo de ensino, escolaridade, reprovação, número de reprovações, comportamento e pessoas com quem vive – n (%).*

| | **Não vítima** | **Vítima ocasional** | **Vítima sistemática** | **Total** | **P** |
|---|---|---|---|---|---|
| **Amostra global** | **196 (45,8%)** | **127 (29,7%)** | **105 (24,5%)** | **428** | |
| Feminino | 94 (40,9%) | 77 (33,5%) | 59 (25,7%) | 230 | .090* |
| Masculino | 89 (51,0%) | 49 (25,5%) | 45 (23,4%) | 192 | |
| 12 anos | 16 (50,0%) | 10 (31,2%) | 6 (18,8%) | 32 | .332* |
| 13 anos | 16 (29,1%) | 21 (38,2%) | 18 (32,7%) | 55 | |
| 14 anos | 58 (50,0%) | 31 (26,7%) | 27 (23,3%) | 116 | |
| 15 anos | 44 (44,4%) | 32 (32,3%) | 23 (23,2%) | 99 | |
| 16 anos | 37 (55,2%) | 14 (20,9%) | 16 (23,9%) | 67 | |
| 17 anos | 25 (42,4%) | 19 (32,2%) | 15 (25,4%) | 59 | |
| Ens. Regular | 152 (44,4%) | 101 (29,5%) | 89 (26,0%) | 342 | .328* |
| Ens. Profissional | 44 (51,2%) | 26 (30,2%) | 16 (18,6%) | 86 | |

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 5º ano | 0 (0,0%) | 1 (100%) | 0 (0,0%) | 1 | |
| 6 º ano | 12 (35,3%) | 16 (47,1%) | 6 (17,6%) | 34 | |
| 7 º ano | 17 (37,8%) | 10 (22,2%) | 18 (40,0%) | 45 | |
| 8 º ano | 26 (44,1%) | 15 (25,4%) | 18 (30,5%) | 59 | |
| 9 º ano | 81 (48,8%) | 50 (30,1%) | 35 (21,1%) | 166 | .210** |
| 10 º ano | 30 (41,7%) | 22 (30,6%) | 20 (27,8%) | 72 | |
| 11 º ano | 16 (53,3%) | 8 (26,7%) | 6 (20,0%) | 30 | |
| 12 º ano | 2 (100%) | 0 (0,0%) | 0 (0,0%) | 2 | |
| Rendimento escolar negativo | 12 (27,3%) | 16 (36,4%) | 16 (36,4%) | 44 | .026* |
| Rendimento escolar positivo | 179 (48,4%) | 103 (27,8%) | 88 (23,8%) | 370 | |
| Reprovou | 64 (40,5%) | 51 (32,3%) | 43 (27,2%) | 158 | .258* |
| Nunca reprovou | 131 (48,7%) | 76 (28,3%) | 62 (23,0%) | 269 | |
| Reprovou 1 vez | 46 (41,4%) | 39 (35,1%) | 26 (23,4%) | 111 | .283* |
| Reprovou 2 ou mais | 18 (39,1%) | 12 (26,1%) | 15 (34,8%) | 46 | |
| Comportamento muito bom | 35 (47,3%) | 22 (29,7%) | 17 (23,0%) | 74 | |
| Comportamento bom | 153 (46,9%) | 95 (29,1%) | 78 (23,9%) | 326 | .471** |
| Comportamento mau | 8 (30,8%) | 10 (38,5%) | 8 (30,8%) | 26 | |
| Comportamento muito mau | 0 (0,0%) | 0 (0,0%) | (100%) | 1 | |
| Vive sempre com ambos os pais | 160 (46,9%) | 98 (28,7%) | 83 (24,3%) | 341 | |
| Vive apenas com o pai | 1 (16,7%) | 4 (66,7%) | 1 (16,7%) | 6 | |
| Vive apenas com a mãe | 22 (45,8%) | 14 (29,2%) | 12 (25,0%) | 48 | .810** |
| Vive com 1 dos pais e a nova família | 4 (40,0%) | 4 (40,0%) | 2 (20,0%) | 10 | |
| Vive com outros fam./outras pessoas | 4 (30,8%) | 5 (38,5%) | 4 (30,8%) | 13 | |
| Vive numa instituição | 4 (44,4%) | 2 (22,2%) | 3 (33,3%) | 9 | |

* valor de significância do Teste do Qui-quadrado; ** valor de significância do Teste Exato de Fisher.

**Vítima verbal**

De acordo com os dados da tabela 4, verifica-se que a prevalência de vítimas verbais sistemáticas é superior nas raparigas (40,0%) do que nos rapazes (32,8%). Quanto à idade, a menor prevalências é entre os que têm 12 anos (25,0%) e 16 anos (25,4%) e a maior é nos alunos com 14 anos (43,1%), 17 anos (40,7%) e 13 anos (40,0%). Nos alunos do ensino regular (37,7%) a prevalência é maior do que no profissional (32,6%) e em relação ao ano de escolaridade, é maior nos alunos do 7ºano (55,6%) e menor nos do 6ºano (11,8%). Quanto ao rendimento escolar e comportamento, a prevalência de vítimas verbais sistemáticas é superior entre os que têm rendimento negativo (45,5%), que nunca reprovaram (38,4%) e que têm pior comportamento. As diferenças apenas são estatisticamente significativas no ano de escolaridade ($p = .001$) e estão no limite da significância estatística no tipo de ensino ($p = .052$) e comportamento ($p = .005$).

Tabela 4

*Prevalência das não vítimas, vítimas ocasionais e vítimas sistemáticas verbais por amostra global, género, faixa etária, tipo de ensino, escolaridade, reprovação, número de reprovações, comportamento e pessoas com quem vive – n (%).*

| | **Não vítima** | **Vítima ocasional** | **Vítima sistemática** | **Total** | **p** |
|---|---|---|---|---|---|
| **Amostra global** | **167 (39,0%)** | **104 (24,3%)** | **157 (36,7%)** | **428** | |
| Feminino | 83 (36,1%) | 55 (23,9%) | 92 (40,0%) | 230 | .297* |
| Masculino | 80 (41,7%) | 49 (25,5%) | 63 (32,8%) | 192 | |
| 12 anos | 15 (46,9%) | 9 (28,1%) | 8 (25,0%) | 32 | .143* |
| 13 anos | 14 (25,5%) | 19 (34,5%) | 22 (40,0%) | 55 | |
| 14 anos | 42 (36,2%) | 24 (20,7%) | 50 (43,1%) | 116 | |
| 15 anos | 40 (40,4%) | 23 (23,2%) | 36 (36,4%) | 99 | |
| 16 anos | 31 (46,3%) | 19 (28,4%) | 17 (25,4%) | 67 | |
| 17 anos | 25 (42,4%) | 10 (16,9%) | 24 (40,7%) | 59 | |
| Ens. regular | 124 (36,3%) | 89 (26,0%) | 129 (37,7%) | 342 | .052* |
| Ens. profissional | 43 (50,0%) | 15 (17,4%) | 28 (32,6%) | 86 | |
| 5º ano | 1 (100%) | 0 (0,0%) | 0 (0,0%) | 1 | .001** |
| 6 º ano | 15 (44,1%) | 15 (44,1%) | 4 (11,8%) | 34 | |
| 7 º ano | 7 (15,6%) | 13 (28,9%) | 25 (55,6%) | 45 | |
| 8 º ano | 22 (37,3%) | 17 (28,8%) | 20 (33,9%) | 59 | |
| 9 º ano | 65 (39,2%) | 39 (23,5%) | 62 (37,3%) | 166 | |
| 10 º ano | 33 (45,8%) | 11 (15,3%) | 28 (38,9%) | 72 | |
| 11 º ano | 15 (50,0%) | 7 (23,3%) | 8 (26,7%) | 30 | |
| 12 º ano | 0 (0,0%) | 1 (50,0%) | 1 (50,0%) | 2 | |
| Rendimento escolar negativo | 15 (34,1%) | 9 (20,5%) | 20 (45,5%) | 44 | .400* |
| Rendimento escolar positivo | 146 (39,5%) | 94 (25,4%) | 130 (35,1%) | 370 | |
| Reprovou | 59 (37,3%) | 45 (28,5%) | 54 (34,2%) | 158 | .307* |
| Nunca reprovou | 107 (39,8%) | 59 (21,9%) | 103 (38,3%) | 269 | |
| Reprovou 1 vez | 43 (38,7%) | 31 (27,9%) | 37 (33,3%) | 111 | .685 |
| Reprovou 2 ou mais | 17 (37,0%) | 13 (28,3%) | 16 (34,8%) | 46 | |
| Comportamento muito bom | 40 (54,1%) | 11 (14,9%) | 23 (31,1%) | 74 | .050** |
| Comportamento bom | 117 (35,9%) | 88 (27,0%) | 121 (37,1%) | 326 | |
| Comportamento mau | 10 (38,5%) | 5 (19,2%) | 11 (42,3%) | 26 | |
| Comportamento muito mau | 0 (0,0%) | 0 (0,0%) | 1 (100%) | 1 | |
| Vive sempre com ambos os pais | 138 (40,5%) | 80 (23,5%) | 123 (36,1%) | 341 | .968** |
| Vive apenas com o pai | 1 (16,7%) | 2 (33,3%) | 3 (50,0%) | 6 | |
| Vive apenas com a mãe | 17 (35,4%) | 14 (29,2%) | 17 (35,4%) | 48 | |
| Vive com 1 dos pais e a nova família | 4 (40,0%) | 2 (20,0%) | 4 (40,0%) | 10 | |
| Vive com outros fam./outras pessoas | 4 (30,8%) | 3 (23,1%) | 6 (46,2%) | 13 | |
| Vive numa instituição | 3 (33,3%) | 3 (33,3%) | 3 (33,3%) | 9 | |

* valor de significância do Teste do Qui-quadrado; ** valor de significância do Teste Exato de Fisher.

## Vítima de ataque à propriedade

Analisando as prevalências da tabela 5, verifica-se que a prevalência de vítimas de propriedade sistemáticas é ligeiramente superior nas raparigas (21,3%) do que nos rapazes (20,3%). Quanto à idade, a menor prevalências é entre os que têm 12 anos (3,1%) e a maior é nos alunos com 14 anos (26,7%). Nos alunos do ensino regular (21,9%) a prevalência é maior do que no profissional (15,1%) e em relação ao ano de escolaridade, é maior nos alunos do 7º, 8º, 9º e 10º anos (entre 22% e 24%), sendo 0% nos alunos dos 5º e 6º anos. Quanto ao rendimento escolar e comportamento, a prevalência de vítimas de propriedade sistemáticas é superior entre os que têm rendimento negativo (29,5%), que já reprovaram (21,5%) e que têm pior comportamento. As diferenças são estatisticamente significativas quanto ao ano de escolaridade (p = .011) e rendimento escolar (p = .039).

Tabela 5

*Prevalência das não vítimas, vítimas ocasionais e vítimas sistemáticas de propriedade por amostra global, género, faixa etária, tipo de ensino, escolaridade, reprovação, número de reprovações, comportamento e pessoas com quem vive – n (%).*

| | **Não vítima** | **Vítima ocasional** | **Vítima sistemática** | **Total** | **p** |
|---|---|---|---|---|---|
| **Amostra global** | **232 (54,2%)** | **108 (25,2%)** | **88 (20,6%)** | **428** | |
| Feminino | 122 (53,0%) | 59 (25,7%) | 49 (21,3%) | 230 | .906* |
| Masculino | 106 (55,2%) | 47 (24,5%) | 39 (20,3%) | 192 | |
| 12 anos | 18 (56,2%) | 13 (40,6%) | 1 (3,1%) | 32 | .253* |
| 13 anos | 28 (50,9%) | 16 (29,1%) | 11 (20,0%) | 55 | |
| 14 anos | 60 (51,7%) | 25 (21,6%) | 31 (26,7%) | 116 | |
| 15 anos | 55 (55,6%) | 26 (26,3%) | 18 (18,2%) | 99 | |
| 16 anos | 38 (56,7%) | 16 (23,9%) | 13 (19,4%) | 67 | |
| 17 anos | 33 (55,9%) | 12 (20,3%) | 14 (23,7%) | 59 | |
| Ens. Regular | 177 (51,8%) | 90 (26,3%) | 75 (21,9%) | 342 | .121* |
| Ens. Profissional | 55 (64,0%) | 18 (20,9%) | 13 (15,1%) | 86 | |
| 5º ano | 1 (100%) | 0 (0,0%) | 0 (0,0%) | 1 | .011** |
| 6 º ano | 18 (52,9%) | 16 (47,1%) | 0 (0,0%) | 34 | |
| 7 º ano | 20 (44,4%) | 15 (33,3%) | 10 (22,2%) | 45 | |
| 8 º ano | 32 (54,2%) | 13 (22,0%) | 14 (23,7%) | 59 | |
| 9 º ano | 84 (50,6%) | 43 (25,9%) | 39 (23,5%) | 166 | |
| 10 º ano | 43 (59,7%) | 12 (16,7%) | 17 (23,6%) | 72 | |
| 11 º ano | 20 (66,7%) | 5 (16,7%) | 5 (16,7%) | 30 | |
| 12 º ano | 1 (50,0%) | 1 (50,0%) | 0 (0,0%) | 2 | |
| Rendimento escolar negativo | 16 (36,4%) | 15 (34,1%) | 13 (29,5%) | 44 | .039* |
| Rendimento escolar positivo | 209 (56,5%) | 90 (24,3%) | 71 (19,2%) | 370 | |
| Reprovou | 77 (48,7%) | 47 (29,7%) | 34 (21,5%) | 158 | .182* |
| Nunca reprovou | 154 (57,2%) | 61 (22,7%) | 54 (20,1%) | 269 | |
| Reprovou 1 vez | 154 (57,0%) | 61 (22,6%) | 55 (20,4%) | 270 | .464* |
| Reprovou 2 ou mais | 55 (49,5%) | 32 (28,8%) | 24 (21,6%) | 111 | |

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| Comportamento muito bom | 43 (58,1%) | 19 (25,7%) | 12 (16,2%) | 74 | .457** |
| Comportamento bom | 177 (54,3%) | 83 (25,5%) | 66 (20,2%) | 326 | |
| Comportamento mau | 12 (46,2%) | 6 (23,1%) | 8 (30,8%) | 26 | |
| Comportamento muito mau | 0 (0,0%) | 0 (0,0%) | 1 (100%) | 1 | |
| Vive sempre com ambos os pais | 181 (53,1%) | 92 (27,0%) | 68 (19,9%) | 341 | .547** |
| Vive apenas com o pai | 2 (33,3%) | 3 (50,0%) | 1 (16,7%) | 6 | |
| Vive apenas com a mãe | 27 (56,2%) | 10 (20,8%) | 11 (22,9%) | 48 | |
| Vive com 1 dos pais e a nova família | 6 (60,0%) | 1 (10,0%) | 3 (30,0%) | 10 | |
| Vive com outros fam./outras pessoas | 10 (76,9%) | 1 (7,7%) | 2 (15,4%) | 13 | |
| Vive numa instituição | 5 (55,6%) | 1 (11,1%) | 3 (33,3%) | 9 | |

* valor de significância do Teste do Qui-quadrado; ** valor de significância do Teste Exato de Fisher.

### 3.1.2.Prevalências dos agressores

Quanto aos agressores, considerando a amostra de 427 estudantes, a prevalência de agressores sistemáticos é maior nos agressores verbais (26,7%), seguindo-se os agressores físicos (18,3%), os agressores sociais (14,3%) e os agressores de propriedade (7,3%) –figura 13.

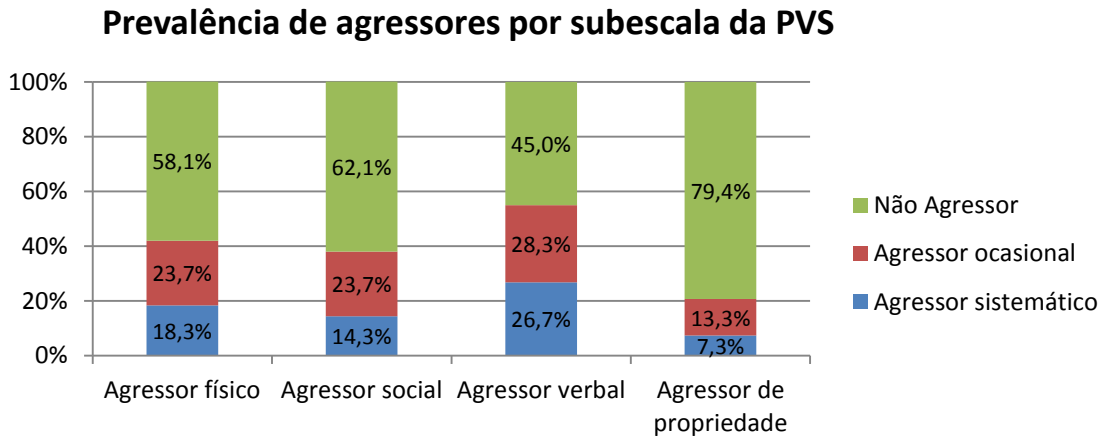


Figura 13. Prevalência dos não agressores, agressores ocasionais e agressores sistemáticos na amostra, por subescalas da PVS (N = 427).

## Agressor físico

Ao analisar as prevalências da tabela 6, verifica-se que a prevalência de agressores físicos sistemáticos é muito superior nos rapazes (27,7%) do que nas raparigas (10,4%). Quanto à idade, a menor prevalência é entre os que têm 12 anos (12,5%) e a maior é nos alunos com 16 anos (25,4%). Nos alunos do ensino profissional (20,9%) a prevalência é maior do que no regular (17,6%) e em relação ao ano de escolaridade, é maior nos alunos do 7º ano (24,4%) e menor nos alunos dos 5º/6º anos e 11º/12º anos. Quanto ao rendimento escolar e comportamento, a prevalência de agressores físicos sistemáticos é superior entre os que têm rendimento negativo (25,0%), que já reprovaram (27,2%) e que têm pior comportamento. As diferenças são estatisticamente significativas no género ($p < .001$), rendimento escolar ($p = .010$), reprovação ($p < .001$) e número de reprovações ($p < .001$).

Tabela 6

*Prevalência dos não agressores, agressores ocasionais e agressores sistemáticos físicos por amostra global, género, faixa etária, tipo de ensino, escolaridade, reprovação, número de reprovações, comportamento e pessoas com quem vive – n (%).*

| | **Não agressor** | **Agressor ocasional** | **Agressor sistemático** | **Total** | **p** |
|---|---|---|---|---|---|
| **Amostra global** | **248 (58,1%)** | **101 (23,7%)** | **78 (18,3%)** | **427** | |
| Feminino | 169 (73,5%) | 37 (16,1%) | 24 (10,4%) | 230 | <.001* |
| Masculino | 76 (39,8%) | 62 (32,5%) | 53 (27,7%) | 191 | |
| 12 anos | 19 (59,4%) | 9 (28,1%) | 4 (12,5%) | 32 | .937* |
| 13 anos | 33 (60,0%) | 13 (23,6%) | 9 (16,4%) | 55 | |
| 14 anos | 66 (57,4%) | 30 (26,1%) | 19 (16,5%) | 115 | |
| 15 anos | 57 (57,6%) | 23 (23,3%) | 19 (19,2%) | 99 | |
| 16 anos | 37 (55,2%) | 13 (19,4%) | 17 (25,4%) | 67 | |
| 17 anos | 36 (61,0%) | 13 (22,0%) | 10 (16,9%) | 59 | |
| Ens. Regular | 192 (56,3%) | 89 (26,1%) | 60 (17,6%) | 341 | .060* |
| Ens. profissional | 56 (65,1%) | 12 (14,0%) | 18 (20,9%) | 86 | |
| 5º ano | 0 (0,0%) | 1 (100%) | 0 (0,0%) | 1 | .106** |
| 6 º ano | 18 (52,9%) | 12 (35,3%) | 4 (11,8%) | 34 | |
| 7 º ano | 20 (44,4%) | 14 (31,1%) | 11 (24,4%) | 45 | |
| 8 º ano | 36 (61,0%) | 14 (23,7%) | 9 (15,3%) | 59 | |
| 9 º ano | 95 (57,6%) | 37 (22,4%) | 33 (20,0%) | 165 | |
| 10 º ano | 41 (56,9%) | 16 (22,2%) | 15 (20,8%) | 72 | |
| 11 º ano | 25 (83,3%) | 4 (13,3%) | 1 (3,3%) | 30 | |
| 12 º ano | 2 (100%) | 0 (0,0%) | 0 (0,0%) | 2 | |
| Rendimento escolar negativo | 17 (38,6%) | 16 (36,4%) | 11 (25,0%) | 44 | .010* |
| Rendimento escolar positivo | 229 (62,1%) | 78 (21,1%) | 62 (16,8%) | 369 | |
| Reprovou | 66 (41,8%) | 49 (31,0%) | 43 (27,2%) | 158 | <.001* |
| Nunca reprovou | 181 (67,5%) | 52 (19,4%) | 35 (13,1%) | 268 | |

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| Reprovou 1 vez | 51 (45,9%) | 28 (25,2%) | 32 (28,8%) | 111 | <.001* |
| Reprovou 2 ou mais | 15 (32,6%) | 20 (43,5%) | 11 (23,9%) | 46 | |
| Comportamento muito bom | 49 (66,2%) | 15 (20,3%) | 10 (13,5%) | 74 | .146** |
| Comportamento bom | 188 (57,7%) | 80 (24,5%) | 58 (17,8%) | 326 | |
| Comportamento mau | 11 (44,0%) | 6 (24,0%) | 8 (32,0%) | 25 | |
| Comportamento muito mau | 0 (0,0%) | 0 (0,0%) | 1 (100%) | 1 | |
| Vive sempre com ambos os pais | 199 (58,5%) | 82 (24,1%) | 59 (17,4%) | 340 | .588** |
| Vive apenas com o pai | 2 (33,3%) | 1 (16,7%) | 3 (50,0%) | 6 | |
| Vive apenas com a mãe | 25 (52,1%) | 11 (22,9%) | 12 (25,0%) | 48 | |
| Vive com 1 dos pais e a nova família | 7 (70,0%) | 2 (20,0%) | 1 (10,0%) | 10 | |
| Vive com outros fam./outras pessoas | 10 (76,9%) | 2 (15,4%) | 1 (7,7%) | 13 | |
| Vive numa instituição | 4 (44,4%) | 3 (33,3%) | 2 (22,2%) | 9 | |

* valor de significância do Teste do Qui-quadrado; ** valor de significância do Teste Exato de Fisher.

## Agressor social

Analisando as prevalências da tabela 7, verifica-se que a prevalência de agressores sociais sistemáticos é ligeiramente superior nos rapazes (14,7%) do que nas raparigas (13,5%). Quanto à idade, a menor prevalência é entre os que têm 12 anos (9,4%) e 17 anos (11,9%) e a maior é nos alunos com 16 anos (17,9%). Nos alunos do ensino profissional (12,8%) a prevalência é menor do que no regular (14,7%) e em relação ao ano de escolaridade, é maior nos alunos do 10º ano (18,1%) e menor nos alunos dos 5º/6º anos e 11º/12º anos. Quanto ao rendimento escolar e comportamento, a prevalência de agressores sociais sistemáticos é superior entre os que têm rendimento negativo (25,5%), que já reprovaram (19,6%) e que têm melhor comportamento. As diferenças são estatisticamente significativas no tipo de ensino (p = .031), rendimento escolar (p = .035) e reprovação (p = .021).

Tabela 7

*Prevalência dos não agressores, agressores ocasionais e agressores sistemáticos sociais por amostra global, género, faixa etária, tipo de ensino, escolaridade, reprovação, número de reprovações, comportamento e pessoas com quem vive – n (%).*

| | **Não agressor** | **Agressor ocasional** | **Agressor sistemático** | **Total** | **p** |
|---|---|---|---|---|---|
| **Amostra global** | **265 (62,1%)** | **101 (23,7%)** | **61 (14,3%)** | **427** | |
| Feminino | 146 (63,5%) | 53 (23,0%) | 31 (13,5%) | 230 | .789* |
| Masculino | 115 (60,2%) | 48 (25,1%) | 28 (14,7%) | 191 | |
| 12 anos | 25 (78,1%) | 4 (12,5%) | 3 (9,4%) | 32 | .104* |
| 13 anos | 25 (45,5%) | 21 (38,2%) | 9 (16,4%) | 55 | |
| 14 anos | 70 (60,9%) | 30 (26,1%) | 15 (13,0%) | 115 | |
| 15 anos | 60 (60,6%) | 24 (24,2%) | 15 (15,2%) | 99 | |
| 16 anos | 42 (62,7%) | 13 (19,4%) | 12 (17,9%) | 67 | |
| 17 anos | 43 (72,9%) | 9 (15,3%) | 7 (11,9%) | 59 | |

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| Ens. Regular | 202 (59,2%) | 89 (26,1%) | 50 (14,7%) | 341 | .036* |
| Ens. Profissional | 63 (73,3%) | 12 (14,0%) | 11 (12,8%) | 86 | |
| 5º ano | 0 (0,0%) | 1 (100%) | 0 (0,0%) | 1 | .031** |
| 6 º ano | 26 (76,5%) | 4 (11,8%) | 4 (11,8%) | 34 | |
| 7 º ano | 23 (51,1%) | 16 (35,6%) | 6 (13,3%) | 45 | |
| 8 º ano | 31 (52,5%) | 19 (32,2%) | 9 (15,3%) | 59 | |
| 9 º ano | 98 (59,4%) | 41 (24,8%) | 26 (15,8%) | 165 | |
| 10 º ano | 49 (68,1%) | 10 (13,9%) | 13 (18,1%) | 72 | |
| 11 º ano | 25 (83,3%) | 4 (13,3%) | 1 (3,3%) | 30 | |
| 12 º ano | 2 (100%) | 0 (0,0%) | 0 (0,0%) | 2 | |
| Rendimento escolar negativo | 21 (47,7%) | 12 (27,3%) | 11 (25,5%) | 44 | .035* |
| Rendimento escolar positivo | 237 (64,2%) | 87 (23,6%) | 45 (12,5%) | 369 | |
| Reprovou | 86 (54,4%) | 41 (25,9%) | 31 (19,6%) | 158 | .021* |
| Nunca reprovou | 178 (66,4%) | 60 (22,4%) | 30 (11,2%) | 268 | |
| Reprovou 1 vez | 62 (55,9%) | 29 (26,1%) | 20 (18,0%) | 111 | .070* |
| Reprovou 2 ou mais | 24 (52,2%) | 11 (23,9%) | 11 (23,9%) | 46 | |
| Comportamento muito bom | 46 (62,2%) | 17 (23,0%) | 11 (14,9%) | 74 | .375** |
| Comportamento bom | 205 (62,9%) | 75 (23,0%) | 46 (14,1%) | 326 | |
| Comportamento mau | 14 (56,0%) | 9 (36,0%) | 2 (8,0%) | 25 | |
| Comportamento muito mau | 0 (0,0%) | 0 (0,0%) | 1 (100%) | 1 | |
| Vive sempre com ambos os pais | 217 (63,8%) | 79 (23,2%) | 44 (12,9%) | 340 | .071** |
| Vive apenas com o pai | 2 (33,3%) | 2 (33,3%) | 2 (33,3%) | 6 | |
| Vive apenas com a mãe | 28 (58,3%) | 12 (25,0%) | 8 (16,7%) | 48 | |
| Vive com 1 dos pais e a nova família | 3 (30,0%) | 4 (40,0%) | 33 (30,0%) | 10 | |
| Vive com outros fam./outras pessoas | 11 (84,6%) | 1 (7,7%) | 1 (7,7%) | 13 | |
| Vive numa instituição | 2 (33,3%) | 2 (33,3%) | 2 (33,3%) | 9 | |

* valor de significância do Teste do Qui-quadrado; ** valor de significância do Teste Exato de Fisher.

**Agressor verbal**

Ao analisar os dados da tabela 8, verifica-se que a prevalência de agressores verbais sistemáticos é ligeiramente superior nos rapazes (26,7%) do que nas raparigas (26,1%). Quanto à idade, a menor prevalência é entre os que têm 12 anos (12,5%) e a maior é nos alunos com 14 anos (33,9%). Nos alunos do ensino profissional (20,9%) a prevalência é menor do que no regular (28,2%) e em relação ao ano de escolaridade, é maior nos alunos do 7º ano (33,3%) e 10º ano (30,6%) e menor nos alunos dos 5º/6º anos e 11º ano. Quanto ao rendimento escolar e comportamento, a prevalência de agressores verbais sistemáticos é superior entre os que têm rendimento negativo (31,8%), que já reprovaram (27,8%) e que têm comportamento mau (40,0%). As diferenças são estatisticamente significativas no comportamento (p = .028) e quanto às pessoas com quem vivem (p = .029).

Tabela 8

*Prevalência dos não agressores, agressores ocasionais e agressores sistemáticos verbais por amostra global, género, faixa etária, tipo de ensino, escolaridade, reprovação, número de reprovações, comportamento e pessoas com quem vive – n (%).*

| | **Não agressor** | **Agressor ocasional** | **Agressor sistemático** | **Total** | **p** |
|---|---|---|---|---|---|
| **Amostra global** | **192 (45,0%)** | **121 (28,3%)** | **114 (26,7%)** | **427** | |
| Feminino | 110 (47,8%) | 60 (26,1%) | 60 (26,1%) | 230 | .328* |
| Masculino | 79 (41,4%) | 61 (31,9%) | 51 (26,7%) | 191 | |
| 12 anos | 17 (53,1%) | 11 (34,4%) | 4 (12,5%) | 32 | .163* |
| 13 anos | 17 (30,9%) | 22 (40,0%) | 16 (29,1%) | 55 | |
| 14 anos | 46 (40,0%) | 30 (26,1%) | 39 (33,9%) | 115 | |
| 15 anos | 48 (48,5%) | 28 (28,3%) | 23 (23,2%) | 99 | |
| 16 anos | 34 (50,7%) | 16 (23,9%) | 17 (25,4%) | 67 | |
| 17 anos | 30 (50,8%) | 14 (23,7%) | 15 (25,4%) | 59 | |
| Ens. regular | 147 (43,1%) | 98 (28,7%) | 96 (28,2%) | 341 | .255* |
| Ens. profissional | 45 (52,3%) | 23 (26,7%) | 18 (20,9%) | 86 | |
| 5º ano | 0 (0,0%) | 1 (100%) | 0 (0,0%) | 1 | .352** |
| 6 º ano | 18 (52,9%) | 11 (32,4%) | 5 (14,7%) | 34 | |
| 7 º ano | 14 (31,1%) | 16 (35,6%) | 15 (33,3%) | 45 | |
| 8 º ano | 24 (40,7%) | 18 (30,5%) | 17 (28,8%) | 59 | |
| 9 º ano | 75 (45,5%) | 43 (26,1%) | 47 (28,5%) | 165 | |
| 10 º ano | 30 (41,7%) | 20 (27,8%) | 22 (30,6%) | 72 | |
| 11 º ano | 18 (60,0%) | 8 (26,7%) | 4 (13,3%) | 30 | |
| 12 º ano | 1 (50,0%) | 0 (0,0%) | 1 (50,0%) | 2 | |
| Rendimento escolar negativo | 15 (34,1%) | 15 (34,1%) | 14 (31,8%) | 44 | .259* |
| Rendimento escolar positivo | 174 (47,2%) | 101 (27,4%) | 94 (25,5%) | 369 | |
| Reprovou | 69 (43,7%) | 45 (28,5%) | 44 (27,8%) | 158 | .910* |
| Nunca reprovou | 122 (45,5%) | 76 (28,4%) | 70 (26,1%) | 268 | |
| Reprovou 1 vez | 49 (44,1%) | 34 (30,6%) | 28 (25,2%) | 111 | .742* |
| Reprovou 2 ou mais | 19 (41,3%) | 11 (23,9%) | 16 (34,8%) | 46 | |
| Comportamento muito bom | 42 (56,8%) | 12 (16,2%) | 20 (27,0%) | 74 | .028** |
| Comportamento bom | 141 (43,3%) | 103 (31,6%) | 82 (25,2%) | 326 | |
| Comportamento mau | 9 (36,0%) | 6 (24,0%) | 10 (40,0%) | 25 | |
| Comportamento muito mau | 0 (0,0%) | 0 (0,0%) | 1 (100%) | 1 | |
| Vive sempre com ambos os pais | 156 (45,9%) | 100 (29,4%) | 84 (24,7%) | 340 | .029** |
| Vive apenas com o pai | 1 (16,7%) | 1 (16,7%) | 4 (66,7%) | 6 | |
| Vive apenas com a mãe | 18 (37,5%) | 12 (25,0%) | 18 (37,5%) | 48 | |
| Vive com 1 dos pais e a nova família | 4 (40,0%) | 1 (10,0%) | 5 (50,0%) | 10 | |
| Vive com outros fam./outras pessoas | 10 (76,9%) | 3 (23,1%) | 0 (0,0%) | 13 | |
| Vive numa instituição | 3 (33,3%) | 4 (44,4%) | 2 (22,2%) | 9 | |

* valor de significância do Teste do Qui-quadrado; ** valor de significância do Teste Exato de Fisher.

## Agressor de propriedade

Relativamente ao dados evidenciados na tabela 9, verifica-se que a prevalência de agressores de propriedade sistemáticos é ligeiramente nos rapazes (9,4%) do que nas raparigas (5,7%). Quanto à idade, a menor prevalência é entre os que têm 12 anos (0,0%), 13 anos (1,8%) e 17 anos (3,4%) e a maior é nos alunos com 16 anos (13,4%). Nos alunos do ensino profissional (4,7%) a prevalência é menor do que no regular (7,9%) e em relação ao ano de escolaridade, é maior nos alunos do 9º ano (13,3%) e menor nos alunos dos 5º/6º anos e 11º/12º anos, todos com 0%. Quanto ao rendimento escolar e comportamento, a prevalência de agressores propriedade sistemáticos é superior entre os que têm rendimento negativo (13,6%), que já reprovaram (8,9%) e que têm comportamento mau ou muito mau. As diferenças são estatisticamente significativas no tipo de ensino (p = .030), ano de escolaridade (p = .004), comportamento (p = .039) e quanto às pessoas com quem vivem (p = .015), estando no limite da significância estatística no rendimento escolar (p = .053).

Tabela 9

*Prevalência dos não agressores, agressores ocasionais e agressores sistemáticos de propriedade por amostra global, género, faixa etária, tipo de ensino, escolaridade, reprovação, número de reprovações, comportamento e pessoas com quem vive – n (%).*

| | **Não agressor** | **Agressor ocasional** | **Agressor sistemático** | **Total** | **p** |
|---|---|---|---|---|---|
| **Amostra global** | **339 (79,4%)** | **57 (13,3%)** | **31 (7,3%)** | **427** | |
| Feminino | 190 (82,6%) | 27 (11,7%) | 13 (5,7%) | 230 | .163* |
| Masculino | 144 (75,4%) | 29 (15,2%) | 18 (9,4%) | 191 | |
| 12 anos | 27 (84,4%) | 5 (15,6%) | 0 (0,0%) | 32 | .172* |
| 13 anos | 47 (85,5%) | 7 (12,7%) | 1 (1,8%) | 55 | |
| 14 anos | 86 (74,8%) | 19 (16,5%) | 10 (8,7%) | 115 | |
| 15 anos | 76 (76,8%) | 14 (14,1%) | 9 (9,1%) | 99 | |
| 16 anos | 51 (76,1%) | 7 (10,4%) | 9 (13,4%) | 67 | |
| 17 anos | 52 (88,1%) | 5 (8,5%) | 2 (3,4%) | 59 | |
| Ens. regular | 262 (76,8%) | 52 (15,2%) | 27 (7,9%) | 341 | .030* |
| Ens. profissional | 77 (89,5%) | 5 (5,8%) | 4 (4,7%) | 86 | |
| 5º ano | 0 (0,0%) | 1 (100%) | 0 (0,0%) | 1 | .004** |
| 6 º ano | 30 (88,2%) | 4 (11,8%) | 0 (0,0%) | 34 | |
| 7 º ano | 38 (84,4%) | 6 (13,3%) | 1 (2,2%) | 45 | |
| 8 º ano | 43 (72,9%) | 13 (22,0%) | 3 (5,1%) | 59 | |
| 9 º ano | 122 (73,9%) | 21 (12,7%) | 22 (13,3%) | 165 | |
| 10 º ano | 60 (83,3%) | 8 (11,1%) | 4 (5,6%) | 72 | |
| 11 º ano | 30 (100%) | 0 (0,0%) | 0 (0,0%) | 30 | |
| 12 º ano | 2 (100%) | 0 (0,0%) | 0 (0,0%) | 2 | |
| Rendimento escolar negativo | 29 (65,9%) | 9 (20,5%) | 6 (13,6%) | 44 | .053* |
| Rendimento escolar positivo | 300 (81,3%) | 44 (11,9%) | 25 (6,8%) | 369 | |

| | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| Reprovou | 120 (75,9%) | 24 (15,2%) | 14 (8,9%) | 158 | .398* |
| Nunca reprovou | 218 (81,3%) | 33 (12,3%) | 17 (6,3%) | 268 | |
| Reprovou 1 vez | 88 (79,3%) | 16 (14,4%) | 7 (6,3%) | 111 | .245* |
| Reprovou 2 ou mais | 32 (69,6%) | 7 (15,2%) | 7 (15,2%) | 46 | |
| Comportamento muito bom | 60 (81,1%) | 7 (9,5%) | 7 (9,5%) | 74 | .039** |
| Comportamento bom | 262 (80,4%) | 46 (14,1%) | 18 (5,5%) | 326 | |
| Comportamento mau | 17 (68,0%) | 4 (16,0%) | 4 (16,0%) | 25 | |
| Comportamento muito mau | 0 (0,0%) | 0 (0,0%) | 1 (100%) | 1 | |
| Vive sempre com ambos os pais | 271 (79,7%) | 46 (13,5%) | 23 (6,8%) | 340 | .015** |
| Vive apenas com o pai | 2 (33,3%) | 4 (66,7%) | 0 (0,0%) | 6 | |
| Vive apenas com a mãe | 38 (79,2%) | 4 (8,3%) | 6 (12,5%) | 48 | |
| Vive com 1 dos pais e a nova família | 9 (90,0%) | 0 (0,0%) | 1 (10,0%) | 10 | |
| Vive com outros fam./outras pessoas | 13 (100%) | 0 (0,0%) | 0 (0,0%) | 13 | |
| Vive numa instituição | 5 (55,6%) | 3 (33,3%) | 1 (11,1%) | 9 | |

* valor de significância do Teste do Qui-quadrado; ** valor de significância do Teste Exato de Fisher.

Em suma podemos afirmar que em relação à prevalência de agressores e vítimas, relativamente às vitimas mais concretamente às vitimas físicas as diferenças são estatisticamente significativas no género ($p = .003$), reprovação ($p = .004$), número de reprovações ($p = .023$) e comportamento ($p = .047$).

Em relação às vítimas sociais podemos verificar que as diferenças apenas são estatisticamente significativas na no rendimento escolar ($p = .026$). Já em relação às vitimas verbais existem diferenças estatisticamente significativas no ano de escolaridade ($p = .001$) e estão no limite da significância estatística no tipo de ensino ($p = .052$) e comportamento ($p = .005$).

Quanto à prevalência de vítimas de propriedade sistemáticas as diferenças são estatisticamente significativas quanto ao ano de escolaridade ($p = .011$) e rendimento escolar ($p = .039$).

Analisando os dados obtidos a nível dos agressores, podemos verificar que nos agressores físicos as diferenças são estatisticamente significativas no género ($p < .001$), rendimento escolar ($p = .010$), reprovação ($p < .001$) e número de reprovações ($p < .001$).

Nos agressores sociais as diferenças são estatisticamente significativas no tipo de ensino ($p = .031$), rendimento escolar ($p = .035$) e reprovação ($p = .021$). Quando aos agressores verbais as diferenças são estatisticamente significativas no comportamento ($p = .028$) e quanto às pessoas com quem vivem ($p = .029$). Tendo os agressores de propriedade apresentado diferenças estatisticamente significativas no tipo de ensino ($p = .030$), ano de escolaridade ($p = .004$), comportamento ($p = .039$) e quanto às pessoas com quem vivem ($p = .015$), estando no limite da significância estatística no rendimento escolar ($p = .053$).

### 3.2.Prevalência dos indicadores de traços de psicopatia

O valor do Alfa de Cronbach indica que os dados recolhidos com o YPI apresentam uma boa consistência interna ou confiabilidade (.936). De acordo com a classificação da consistência interna com base no Alfa de Cronbach (Pestana e Gajeiro, 2008).

O cálculo das prevalências foi feito através do total das pontuações obtidas no inventário (YPI total). Para a análise em questão foram criadas três categorias de sujeitos, de forma a saber quantos indivíduos pontuavam alto, baixo ou apresentavam valores dentro da média no inventário. Esta categorização foi feita utilizando a média aritmética dos 50 itens (*M*=2,19) e o desvio-padrão (*DP*=0,43), obtendo-se as seguintes categorias de acordo com os critérios:

- YPI baixo – pontuação inferior ou igual a *M* – *DP*
- YPI médio – pontuação entre *M* – *DP* e *M* + *DP*
- YPI alto – pontuação superior ou igual a *M* + *DP*

Considerando esta categorização, 305 (71,4%) dos jovens foram classificados como tendo pontuações médias no YPI, existindo 65 (15,2%) com pontuações baixas e 57 (13,3%) com pontuações altas na escala (considerando a existência de 1 não resposta) -figura 14.

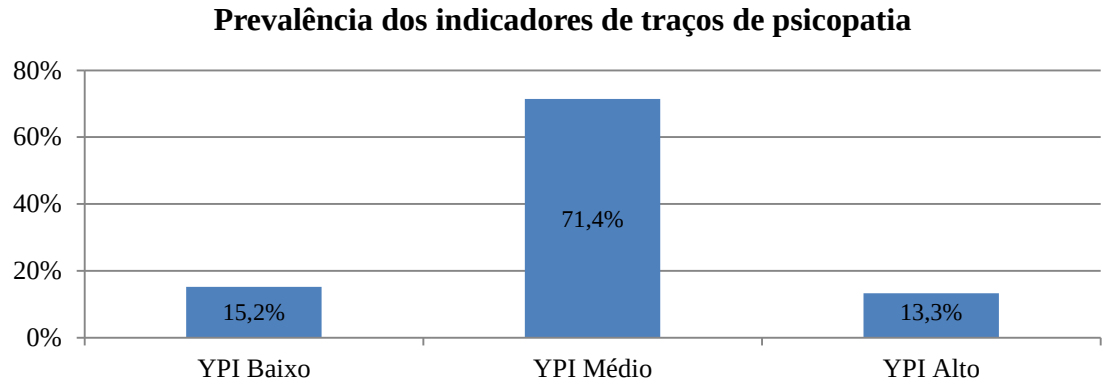


Figura 14. Valores de Prevalência dos Indicadores de Traços de Psicopatia na Amostra (N = 427)

O estudo da prevalência dos indicadores de traços de psicopatia por género (tabela 10) permite observar que a percentagem de adolescentes que pontua alto no IPY é superior nos rapazes (19,9%) comparativamente com as raparigas (7,4%). A percentagem de raparigas com pontuações baixas no YPI (19,1%) e com pontuações médias (73,5%) é superior à dos rapazes (10,5% e 69,6%, respetivamente). O valor de significância do Qui-Quadrado aponta para uma

relação estatisticamente significativa entre os indicadores de traços de psicopatia quanto ao género (p=0.000).

Tabela 10

*Valores de Prevalência dos Indicadores de Traços de Psicopatia, por Género (N = 421)*

| Género | YPI baixo | YPI médio | YPI alto |
|---|---|---|---|
| | n (%) | n (%) | N (%) |
| Feminino (n = 230) | 44 (19,1%) | 169 (73,5%) | 17 (7,4%) |
| Masculino (n = 191) | 20 (10,5%) | 133 (69,6%) | 38 (19,9%) |

Quanto à prevalência dos indicadores de traços de psicopatia por idades (tabela 11), é entre os jovens com 15 anos que a prevalência de YPI alto é superior (22,2%), seguindo-se os que têm 17 e 16 anos (13,6% e 13,4%, respetivamente), 13 e 14 anos (10,9% e 9,6%, respetivamente), existindo apenas 1 (3,1%) dos estudantes com 12 anos com YPI alto. A percentagem de adolescentes com YPI baixo é superior nos mais novos: 34,4% no escalão dos 12 anos, 23,6% nos que têm 13 anos; 11,3% nos 14 anos, 14,1% nos 15 anos, 11,9% nos 16 anos e 10,2% nos que têm 17 anos. Observa-se ainda a existência de uma relação estatisticamente significativa entre os indicadores de traços de psicopatia quanto à idade (p=0.004).

Tabela 11

*Valores de Prevalência dos Indicadores de Traços de Psicopatia, por Idade (N = 427)*

| Idade | YPI baixo | YPI médio | YPI alto |
|---|---|---|---|
| | n (%) | n (%) | n (%) |
| 12 anos (n = 32) | 11 (34,4%) | 20 (62,5%) | 1 (3,1%) |
| 13 anos (n = 55) | 13 (23,6%) | 36 (65,5%) | 6 (10,9%) |
| 14 anos (n = 115) | 13 (11,3%) | 91 (79,1%) | 11 (9,6%) |
| 15 anos (n = 99) | 14 (14,1%) | 63 (63,6%) | 22 (22,2%) |
| 16 anos (n = 67) | 8 (11,9%) | 50 (74,6%) | 9 (13,4%) |
| 17 anos (n = 59) | 6 (10,2%) | 45 (76,3%) | 8 (13,6%) |

A prevalência de pontuações altas no YPI é ligeiramente superior entre os estudantes do ensino regular (13,5%) comparativamente com os estudantes do ensino profissional (12,8%). Quanto às pontuações baixas no YPI, a prevalência é superior no ensino regular (16,1% contra 11,6% do profissional) e a percentagem de alunos com pontuações médias no YPI é maior entre o ensino profissional (75,6% contra 70,4% do regular) (tabela 12). De acordo com

valor de significância do Qui-Quadrado, não se observa uma relação estatisticamente significativa entre os indicadores de traços de psicopatia quanto ao tipo de ensino (p=0.549).

Tabela 12

*Valores de Prevalência dos Indicadores de Traços de Psicopatia, por Tipo de Ensino (N = 427)*

| Tipo de ensino | YPI baixo | YPI médio | YPI alto |
|---|---|---|---|
| | n (%) | n (%) | n (%) |
| Regular (n = 341) | 55 (16,1%) | 240 (70,4%) | 46 (13,5%) |
| Profissional (n = 86) | 10 (11,6%) | 65 (75,6%) | 11 (12,8%) |

Para a análise da prevalência dos indicadores de traços de psicopatia por ano de escolaridade (tabela 13), foram agrupados os alunos dos 5º e 6º anos por só existir na amostra um aluno do 5º ano, e os do 11º com os do 12º ano, por existirem apenas 2 alunos do 12º ano de escolaridade. Os anos de escolaridade com maior prevalência de pontuações altas no YPI são os do 7º ano (17,8%), 9º ano (16,4%) e 10º ano (13,9%). Dos 32 alunos do 11º/12º anos, nenhum foi classificado com YPI alto, existindo 10,2% do 8º ano e 8,8% dos 5º/6º anos. Quanto às pontuações baixas no YPI, os anos com maior prevalência são o 7º ano (31,1%), 5º/6º anos (20,6%), 8º ano (16,9%) e 11º/12º anos (16,7%). Os anos de escolaridade com menor prevalência de YPI baixo são o 9º ano (10,9%) e o 10º ano (12,5%). Relativamente à prevalência de pontuações médias no YPI, destacam-se o 7º ano com a taxa mais baixa (51,1%) e o 11º/12º anos com a taxa mais alta (83,3%). Os restantes anos têm percentagens de alunos com pontuações médias no YPI entre 70,6% e 73,6%. Uma relação estatisticamente significativa entre os indicadores de traços de psicopatia quanto ao ano de escolaridade não foi encontrada (p=0.083).

Tabela 13
*Valores de Prevalência dos Indicadores de Traços de Psicopatia, por Ano de Escolaridade (N = 408)*

| Ano de escolaridade | YPI baixo | YPI médio | YPI alto |
|---|---|---|---|
| | n (%) | n (%) | n (%) |
| 5º/6º anos (n = 35) | 7 (20,6%) | 25 (70,6%) | 3 (8,8%) |
| 7º ano (n = 45) | 14 (31,1%) | 23 (51,1%) | 8 (17,8%) |
| 8º ano (n = 59) | 10 (16,9%) | 43 (72,9%) | 6 (10,2%) |
| 9º ano (n = 165) | 18 (10,9%) | 120 (72,7%) | 27 (16,4%) |
| 10º ano (n = 72) | 9 (12,5%) | 53 (73,6%) | 10 (13,9%) |
| 11º/12º anos (n = 32) | 5 (16,7%) | 27 (83,3%) | 0 (0,0%) |

Perante os dados obtidos podemos observar, relativamente ao estudo da prevalência dos indicadores de traços de psicopatia por género, que a percentagem de adolescentes que pontua alto no YPI é superior nos rapazes. Quanto à prevalência dos indicadores de traços de psicopatia por idades, é entre os jovens com 15 anos que a prevalência de YPI alto é superior, e a percentagem de adolescentes com YPI baixo é superior no escalão dos 12 anos. Acrescenta-se que a prevalência de pontuações altas no YPI é ligeiramente superior entre os estudantes do ensino regular, e que os anos de escolaridade com maior prevalência de pontuações altas no YPI são o 7º, 9º e 10º ano.

Uma relação estatisticamente significativa foi encontrada entre os indicadores de traços de psicopatia apenas quanto ao género e à idade.

## 4. Resultados relativos à classificação de acordo com as pontuações do PVS total vítimas e PVS total agressores.

**Comparação do YPI total entre vítimas e agressores, para verificar quem pontua mais na escala de psicopatia e comparação das pontuações das 3 superdimensões do YPY entre vítimas e agressores para analisar o valor que cada grupo tem em casa dimensão.**

### 4.1. Classificação de acordo com as pontuações do $PVS_{total}$ vítimas e $PVS_{total}$ agressores

Os 428 elementos da amostra foram classificados de acordo com os critérios seguintes:

- Sujeitos nem vítimas nem agressores: com pontuação 16 (mínimo possível) no $PVS_{total}$ vítima e no $PVS_{total}$ agressor, classificados como "Puros";
- Apenas vítimas: com pontuação superior à média do $PVS_{total}$ vítimas;
- Apenas agressores: com pontuação superior à média do $PVS_{total}$ agressores;
- Vítimas e agressores: com pontuação superior à média do $PVS_{total}$ vítimas e superior à média do $PVS_{total}$ agressores.

De acordo com este critério, foram classificados 287 (67,1%) dos 428 estudantes incluídos no estudo. Dos estudantes classificados, 73 (25,4%) foram classificados como puros, 58 (20,2%) como apenas vítimas, 59 (20,6%) como apenas agressores e 97 (33,8%) como simultaneamente vítimas e agressores – figura 15.

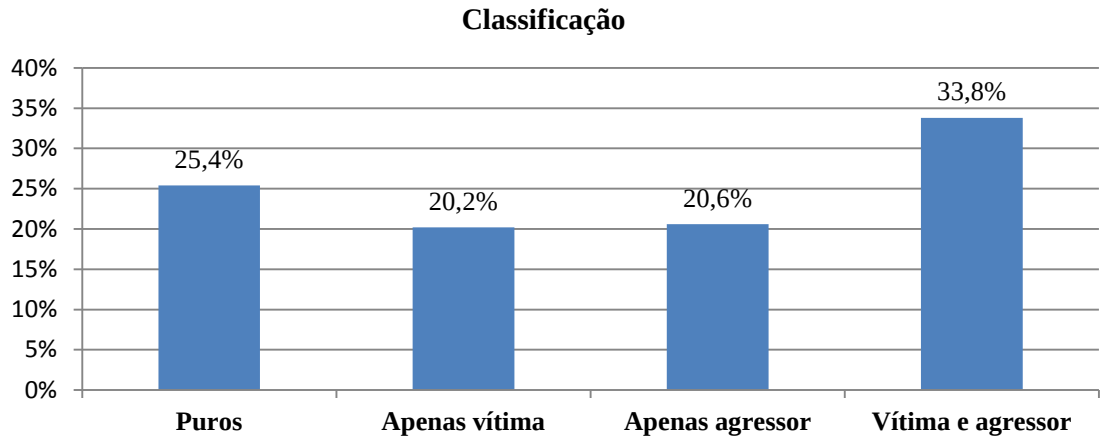


Figura15. Frequências relativas da classificação de acordo com as pontuações do $PVS_{total}$ vítimas e $PVS_{total}$ agressores (N = 287).

## 4.2. Comparação do $YPY_{total}$ entre vítimas e agressores

Para comparar as pontuações do $YPI_{total}$ entre os grupos resultantes da classificação de acordo com os valores do $PVS_{total}$ vítimas e agressores, foi realizado o teste ANOVA a um fator, seguido dos testes *poht-hoc Tukey HSD*.

Quanto aos pressupostos para a realização a ANOVA, a homogeneidade das variâncias foi validada através do Teste de Levene ($F_{(3, 227)} = .438$; $p = .726$) que levou à não rejeição da hipótese nula da homogeneidade das variâncias entre os grupos. A normalidade da variável dependente dentro dos 4 grupos, foi testada pelo Teste de Kolmogorov-Smirnov (tabela 14) que levou a concluir que não existe normalidade nos grupos "Apenas agressor" e "Vítima e agressor". Segundo Pestana (2008), a não normalidade não é restritiva para a aplicação da ANOVA quando o número de elementos da amostra em cada grupo é relativamente elevado, o que acontece neste caso.

Tabela 14

*Testes de Kolmogorov-Smirnov, Skewness e da Kurtosis para a normalidade da variável $YPI_{total,}$ por grupo de classificação.*

| **Classificação** | *Statistic* | *Df* | *p* | *Skewness* | | *Kurtosis* | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | *Statistic* | *Std. E.* | *Statistic* | *Std. E.* |
| Puros | .085 | 65 | .200* | -.287 | .297 | -.542 | .586 |
| Apenas vítima | .108 | 49 | .200* | .840 | .340 | 1.589 | .668 |
| Apenas agressor | .148 | 43 | .019 | .278 | .361 | -.538 | .709 |
| Vítima e agressor | .120 | 74 | .010 | .673 | .279 | 2.293 | .552 |

* p > .200

Pela análise dos valores descritivos (tabela 15) verifica-se que o grupo "Vítima e agressor" é o que tem pontuação média mais elevada (M = 119,01; DP = 20,821) seguindo-se os grupos "Apenas agressor" (M = 118,88; DP = 19,704), "Apenas vítima" (M = 109,73; DP = 21,685) e por último o grupo "Puros" (M = 100,95; DP = 16,961).

Tabela 15

*Valores descritivos do $YPI_{total}$ por grupo de classificação.*

| **Classificação** | **N** | **Média** | **Desvio-padrão** | **Mínimo** | **Máximo** |
|---|---|---|---|---|---|
| Puros | 65 | 100.95 | 16.961 | 65 | 140 |
| Apenas vítima | 49 | 109.73 | 21.785 | 65 | 173 |
| Apenas agressor | 43 | 118.88 | 19.704 | 81 | 159 |
| Vítima e agressor | 74 | 119.01 | 20.821 | 63 | 197 |

O Teste ANOVA ($F_{(3,227)}$ = 11.764; p < .001) foi significativo, indicando que existem diferenças entre as médias de pelo menos dois dos grupos, quanto aos valores do $YPI_{total}$ (tabela 16).

Tabela 16

Teste ANOVA tendo como fator a classificação e variável dependente o $YPI_{total}$.

| | *Sum of Squares* | *df* | *Mean Square* | *F* | *p* |
|---|---|---|---|---|---|
| *Between Groups* | 13859.334 | 3 | 4619.778 | 11.764 | < .001 |
| *Within Groups* | 89143.818 | 227 | 392.704 | | |
| Total | 103003.152 | 230 | | | |

Os testes *poht-hoc Tukey HSD*, levam concluir que apenas existem diferenças estatisticamente significativas nos valores médios de $YPI_{total}$ entre o grupo "Puros" e os grupos "Apenas agressor" (p < .001) e "Vítima e agressor" (p < .001). Observa-se que não existem diferenças significativas entre os que não são vítimas nem agressores (puros) e os que são simultaneamente vítimas e agressores (p = .092), nem entre os que são apenas vítimas e os que são apenas agressores (p = .124). Também não existem diferenças significativas entre as pontuações médias dos "Vítimas e agressores" e dos "Apenas agressores" (p = 1.000) e as diferenças entre os que são simultaneamente vítimas e agressores e os que são apenas vítimas estão próximas da significância estatística (p =.056)- tabela 17.

Tabela 17

*Resultados dos testes poht-hoc Tukey HSD.*

| Grupo i | Grupo j | Diferença das médias (i-j) | Std. Error | Sig. |
|---|---|---|---|---|
| Puros | Apenas vítima | -8.781 | 3.749 | .092 |
| | Apenas agressor | -17.930 | 3.895 | .000 |
| | Vítima e agressor | -18.060 | 3.369 | .000 |
| Apenas vítima | Apenas agressor | -9.149 | 4.141 | .124 |
| | Vítima e agressor | -9.279 | 3.650 | .056 |
| Apenas agressor | Vítima e agressor | -.130 | 3.800 | 1.000 |

### 4.3. Comparação das pontuações das 3 superdimensões do YPI entre vítimas e agressores

Para comparar a influência da classificação feita com base nas pontuações do PVS ("puros", "apenas vítima", "apenas agressor" e "vítima e agressor") nas pontuações das 3 superdimensões do YPI ("grandioso/manipulativo", "frio e não emocional" e "impulsivo e falta de sentido de responsabilidade") recorreu-se à análise multivariada da variância (MANOVA), tendo como fator a classificação e como variáveis dependentes as 3 superdimensões do YPI.

Quanto aos pressupostos para a realização da MANOVA, foi analisada a normalidade de cada variável, em cada grupo, pelo Teste de Kolmogorov-Smirnov. De acordo com Marôco (2010), se cada variável tiver distribuição normal é garantida a normalidade multivariada. Os resultados da tabela 18, mostram que apenas na superdimensão "frio e não emocional" no grupo "vítima e agressor" e na superdimensão "impulsivo e falta de sentido de responsabilidade" no grupo "apenas vítima" não se verifica a normalidade. De qualquer forma e ainda de acordo com Marôco (2010), os métodos multivariados são robustos à violação do pressuposto da normalidade, especialmente quando a dimensão das amostras é superior a 30, como é o caso.

Tabela 18

*Testes de Kolmogorov-Smirnov, Skewness e da Kurtosis para a normalidade das 3 superdimensões do YPI, por grupo de classificação.*

| **Superdimensão** | **Classificação** | *Statistic* | *df* | *p* | *Skewness* | | *Kurtosis* | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | | | | | *Statistic* | *Std. E.* | *Statistic* | *Std. E.* |
| Grandioso/ manipulativo | Puros | .107 | 65 | .060 | .122 | .297 | -.715 | .586 |
| | Apenas vítima | .082 | 49 | .200* | .508 | .340 | .140 | .668 |
| | Apenas agressor | .113 | 43 | .200* | .036 | .361 | -.151 | .709 |
| | Vítima e agressor | .080 | 74 | .200* | .489 | .279 | .971 | .552 |
| Frio e não emocional | Puros | .108 | 65 | .060 | -.763 | .297 | .277 | .586 |
| | Apenas vítima | .095 | 49 | .200* | .468 | .340 | 1.249 | .668 |
| | Apenas agressor | .113 | 43 | .197 | .258 | .361 | -.856 | .709 |
| | Vítima e agressor | .127 | 74 | .005 | .972 | .279 | 2.448 | .552 |
| Impulsivo e falta de sentido de responsabilidade | Puros | .094 | 65 | .200* | -.397 | .297 | -.284 | .586 |
| | Apenas vítima | .161 | 49 | .003 | .868 | .340 | 1.230 | .668 |
| | Apenas agressor | .121 | 43 | .118 | -.234 | .361 | -.761 | .709 |
| | Vítima e agressor | .080 | 74 | .200* | -.061 | .279 | .258 | .552 |

* p > .200

A homogeneidade das matrizes de variâncias-covariâncias foi testada pelo Teste M de Box (tabela 19) cujo valor de significância (p = .049) está limite da significância estatística ao nível de 5%, dando algumas garantias que a matriz de variâncias-covariância observada nas variáveis dependentes se mantém constante nas categorias estudadas.

Tabela 19

*Teste M de Box à homogeneidade de variâncias-covariâncias.*

| M de Box | F | gl1 | gl2 | p |
|---|---|---|---|---|
| 29.735 | 1.610 | 18 | 129709.589 | .049 |

O Teste de Levene à homogeneidade das variâncias levou a aceitar a hipótese nula de igualdade de variâncias para as 3 variáveis dependentes (p > .05) (tabela20).

Tabela 20

*Teste de Levene da homogeneidade das variâncias.*

| Superdimensão | F | gl1 | gl2 | p |
|---|---|---|---|---|
| Grandioso/manipulativo | .158 | 3 | 227 | .924 |
| Frio e não emocional | 2.027 | 3 | 227 | .111 |
| Impulsivo e falta de sentido de responsabilidade | 1.690 | 3 | 227 | .170 |

Pela análise dos valores descritivos da tabela 21, observa-se que na superdimensão "grandioso/manipulativo" o grupo "apenas agressor" é o que tem pontuação média mais alta (M = 45.05; DP = 10.917), seguindo-se o grupo "vítima e agressor" (M = 43.72; DP =10.917), o grupo "apenas vítima" (M = 39.71; DP = 11.525) e o grupo "puros" (M = 35.94; DP = 9.766).

Na superdimensão "frio e não emocional" a ordem das pontuações médias é a mesma, o grupo com média mais alta é o "apenas agressor" (M = 36.21; DP = 5.910), seguindo-se "vítima e agressor" (M = 35.95; DP = 6.211), "apenas vítima" (M = 35.18; DP = 5.992) e "puros" (M = 31.92; DP = 4.258).

Quanto à superdimensão "impulsivo e falta de sentido de responsabilidade", o grupo com maior média é o "vítima e agressor" (M = 39.35; DP = 7.661), seguindo-se os grupos "apenas agressor" (M = 37.63; DP = 6.249), "apenas vítima" (M = 34.84; DP = 7.347) e "puros" (M = 33.09; DP = 846).

Tabela 21

*Valores descritivos das pontuações das superdimensões do YPI, por grupo de classificação.*

| | **Classificação** | **N** | **Média** | **Desvio-padrão** | **Mínimo** | **Máximo** |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Grandioso/manipulativo | Puros | 65 | 35.94 | 9.766 | 20 | 58 |
| | Apenas vítima | 49 | 39.71 | 11.525 | 20 | 67 |
| | Apenas agressor | 43 | 45.05 | 10.917 | 22 | 71 |
| | Vítima e agressor | 74 | 43.72 | 10.673 | 21 | 80 |
| Frio e não emocional | Puros | 65 | 31.92 | 4.258 | 20 | 38 |
| | Apenas vítima | 49 | 35.18 | 5.992 | 23 | 53 |
| | Apenas agressor | 43 | 36.21 | 5.910 | 27 | 49 |
| | Vítima e agressor | 74 | 35.95 | 6.211 | 22 | 59 |
| Impulsivo e falta de sentido de responsabilidade | Puros | 65 | 33.09 | 5.846 | 18 | 45 |
| | Apenas vítima | 49 | 34.84 | 7.347 | 19 | 56 |
| | Apenas agressor | 43 | 37.63 | 6.249 | 24 | 49 |
| | Vítima e agressor | 74 | 39.35 | 7.661 | 16 | 58 |

Os resultados da análise multivariada levam a concluir que o fator "classificação" tem um efeito significativo em pelo menos uma das variáveis dependentes (superdimensões do YPI) com uma potência de teste de 100%, considerando qualquer uma das estatística *Pillai's Trace*, *Hotelling's Trace* ou *Roy's Largest Root* (tabela 22).

Tabela 22

*Resultados dos testes multivariados (MANOVA).*

| Estatística | Valor | F | gl | gl erro | p | Potência |
|---|---|---|---|---|---|---|
| *Pillai's Trace* | .185 | 4.982 | 9.000 | 681.000 | .000 | 1.000 |
| *Wilks' Lambda* | .821 | 5.131 | 9.000 | 547.741 | .000 | .997 |
| *Hotelling's Trace* | .210 | 5.214 | 9.000 | 671.000 | .000 | 1.000 |
| *Roy's Largest Root* | .165 | 12.461 | 3.000 | 227.000 | .000 | 1.000 |

Para identificar em qual, ou quais das variáveis o fator "classificação" tem efeito significativo, foram analisados os resultados dos testes ANOVA para cada uma das variáveis dependentes (tabela 23).

Tabela 23

*Resultados dos testes ANOVA para cada variável dependente (superdimensões do YPI).*

| Superdimensões | F | gl | gl erro | p | Potência |
|---|---|---|---|---|---|
| Grandioso/manipulativo | 8.784 | 3 | 227 | .000 | .995 |
| Frio e não emocional | 7.660 | 3 | 227 | .000 | .987 |
| Impulsivo e falta de sentido de responsabilidade | 10.852 | 3 | 227 | .000 | .999 |

A análise dos resultados das ANOVAS leva a concluir que o fator "classificação" tem um efeito significativo ($p < .001$) nas 3 dimensões do YPI, sendo necessário recorrer aos testes *pot-hoc* para descobrir entre que grupos da classificação ("puros", "apenas vítima", "apenas agressor" e "vítima e agressor") existem diferenças significativas em cada uma das superdimensões (tabela 24).

Relativamente à superdimensão "grandioso/ manipulativo", observa-se que o grupo "puros" tem pontuação média inferior a todos os outros, sendo as diferenças significativas apenas com os grupos "apenas agressor" ($p < .001$) e "vítima e agressor" ($p < .001$). Não existem diferenças estatisticamente significativas entre os que são apenas vítimas, os que apenas agressores e os que são simultaneamente vítimas e agressores.

Quanto à superdimensão "frio e não emocional", o grupo dos alunos que não são vítimas nem agressores (puros) tem pontuações médias inferiores aos outros, sendo as diferenças significativas com todos ("apenas vítima" - $p = .013$; "apenas agressor" – $p = .001$; "vítima e agressor" – $p < .001$). Nesta superdimensão, não existem diferenças estatisticamente entre os grupos "apenas vítima", "apenas agressor" e "vítima e agressor".

Respeitante à dimensão "Impulsivo e falta de sentido de responsabilidade", não existem diferenças significativas entre os grupos "puros" e "apenas vítima" ($p = .538$) mas existem entre os "puros" e os outros 2 grupos ("apenas agressor" – $p = .001$; "vítima e agressor" – $p < .001$). Também não existem diferenças entre os grupos "apenas vítima" e "apenas agressor" ($p = .213$) nem entre os grupos "apenas agressor" e "vítima e agressor" ($p = .559$). Nesta superdimensão observam-se diferenças significativas entre os que são apenas vítimas e os que

são simultaneamente vítimas e agressores (p = .002) com os últimos a apresentarem uma pontuação média superior.

Tabela 24

*Resultados dos testes poht-hoc Tukey HSD para cada uma das variáveis dependentes.*

| Superdimensões | Grupo i | Grupo j | Diferença das médias (i-j) | Std. Error | Sig. |
|---|---|---|---|---|---|
| Grandioso/ manipulativo | Puros | Apenas vítima | -3.78 | 2.017 | .243 |
| | | Apenas agressor | -9.11 | 2.096 | .000 |
| | | Vítima e agressor | -7.78 | 1.812 | .000 |
| | Apenas vítima | Apenas agressor | -5.33 | 2.228 | .081 |
| | | Vítima e agressor | -4.00 | 1.964 | .177 |
| | Apenas agressor | Vítima e agressor | -1.33 | 2.044 | .915 |
| Frio e não emocional | Puros | Apenas vítima | -3.26 | 1.063 | .013 |
| | | Apenas agressor | -4.29 | 1.105 | .001 |
| | | Vítima e agressor | -4.02 | .955 | .000 |
| | Apenas vítima | Apenas agressor | -1.03 | 1.174 | .819 |
| | | Vítima e agressor | -.76 | 1.035 | .882 |
| | Apenas agressor | Vítima e agressor | .26 | 1.077 | .995 |
| Impulsivo e falta de sentido de responsabilidade | Puros | Apenas vítima | -1.74 | 1.301 | .538 |
| | | Apenas agressor | -4.54 | 1.351 | .005 |
| | | Vítima e agressor | -6.26 | 1.169 | .000 |
| | Apenas vítima | Apenas agressor | -2.79 | 1.436 | .213 |
| | | Vítima e agressor | -4.51 | 1.266 | .002 |
| | Apenas agressor | Vítima e agressor | -1.72 | 1.318 | .559 |

Em suma podemos verificar que o fator "classificação" tem um efeito significativo em pelo menos uma das variáveis dependentes. Para identificar em qual, ou quais das variáveis o fator "classificação" tem efeito significativo, foram analisados os resultados dos testes ANOVA para cada uma das variáveis dependentes **(**Grandioso/manipulativo, Frio e não emocional, Impulsivo e falta de sentido de responsabilidade. As ANOVAS levam a concluir que o fator "classificação" tem um efeito significativo (p < .001) nas 3 dimensões do YPI.

Relativamente à superdimensão "grandioso/ manipulativo", observa-se que o grupo "puros" tem pontuação média inferior a todos os outros, sendo as diferenças significativas apenas com os grupos "apenas agressor" (p < .001) e "vítima e agressor" (p < .001).

Quanto à superdimensão "frio e não emocional", o grupo dos alunos que não são vítimas nem agressores (puros) tem pontuações médias inferiores aos outros, sendo as diferenças significativas com todos ("apenas vítima" - $p = .013$; "apenas agressor" – $p = .001$; "vítima e agressor" – $p < .001$). Nesta superdimensão, não existem diferenças estatisticamente entre os grupos "apenas vítima", "apenas agressor" e "vítima e agressor".

Respeitante à dimensão "Impulsivo e falta de sentido de responsabilidade", não existem diferenças significativas entre os grupos "puros" e "apenas vítima" ($p = .538$) mas existem entre os "puros" e os outros 2 grupos ("apenas agressor" – $p = .001$; "vítima e agressor" – $p < .001$).Nesta superdimensão observam-se diferenças significativas entre os que são apenas vítimas e os que são simultaneamente vítimas e agressores ($p = .002$) com os últimos a apresentarem uma pontuação média superior.

## Capitulo III- Discussão geral e conclusões

Com a realização desta investigação foi possível verificar que nas prevalências de acordo com a classificação de não vítima, vítima ocasional e vítima sistemática verificamos que existe uma maior prevalência de vítimas sistemáticas nas vítimas verbais (36,7%).

A nível das prevalências para os agressores, podemos constatar também que a prevalência de agressores sistemáticos é superior nos agressores verbais (26,7%), seguindo-se os agressores físicos (18,3%), os agressores sociais (14,3%) e os agressores de propriedade (7,3%). Assim podemos afirmar que as vítimas sistemáticas são atingidas maioritariamente por *bullying* de âmbito verbal como podemos também constatar perante as respostas dos agressores, que segundo os dados anteriormente descritos aludem que utilizam maioritariamente a violência verbal, que vai ao encontro da literatura (Carvalhosa, Lima & Matos).

Podemos também verificar, que relativamente à vitimização física, na amostra global, 18,9% dos indivíduos já foi vítima ocasional e 14,3 % vítima sistemática, sendo a percentagem de vitimação sistemática superior nos rapazes (17,7%).

Quanto à idade, as maiores prevalências de vitimização física são nos alunos que têm 16 e 14 anos (16,4% e 15,5%), a menor prevalência situa-se na idade dos 12 anos (9,4%), que corrobora com os estudos anteriores. Nos alunos do ensino regular (14,6%) a prevalência é maior do que no profissional (12,8%) e em relação ao ano de escolaridade, é maior nos alunos do 7ºano (17,8%), 9ºano (16,9%) e 10ºano (16,7%).

Observando apenas a vitimação social é possível verificar uma prevalência de 24,5 % que admite ser vítima sistemática. É ligeiramente superior nas raparigas (25,7%) do que nos rapazes (23,4%). Quanto à idade, a menor prevalências é entre os que têm 12 anos (18,8%) e a maior é nos alunos com 13 anos (32,7%). Nos alunos do ensino regular (26,0%) a prevalência é maior do que no profissional (18,6%) e em relação ao ano de escolaridade, é maior nos alunos do 7ºano (40,0%) e do 8ºano (30,5%). Quanto ao rendimento escolar e comportamento, a prevalência de vítimas sociais sistemáticas é superior entre os que têm rendimento negativo (36,4%), que já reprovaram (27,2%) e que têm pior comportamento.

Ao nível da vitimação verbal as prevalência de vítimas verbais sistemáticas podemos constatar que é superior nas raparigas (40,0%) do que nos rapazes (32,8%). Quanto à idade, a menor prevalências é entre os que têm 12 anos (25,0%) e 16 anos (25,4%) e a maior é nos alunos com 14 anos (43,1%), 17 anos (40,7%) e 13 anos (40,0%). Nos alunos do ensino regular (37,7%) a prevalência é maior do que no profissional (32,6%) e em relação ao ano de

escolaridade, é maior nos alunos do 7ºano (55,6%) e menor nos do 6ºano (11,8%). Quanto ao rendimento escolar e comportamento, a prevalência de vítimas verbais sistemáticas é superior entre os que têm rendimento negativo (45,5%), que nunca reprovaram (38,4%) e que têm pior comportamento.

As vítimas sistemáticas de ataque à propriedade é ligeiramente superior nas raparigas (21,3%) do que nos rapazes (20,3%). Quanto à idade, a menor prevalências é entre os que têm 12 anos (3,1%) e a maior é nos alunos com 14 anos (26,7%). Nos alunos do ensino regular (21,9%) a prevalência é maior do que no profissional (15,1%) Quanto ao rendimento escolar e comportamento, a prevalência de vítimas de propriedade sistemáticas é superior entre os que têm rendimento negativo (29,5%), que já reprovaram (21,5%) e que têm pior comportamento.

Relativamente aos agressores físicos sistemáticos a prevalência é superior nos rapazes (27,7%). Quanto ao rendimento escolar e comportamento, a prevalência de agressores físicos sistemáticos é superior entre os que têm rendimento negativo (25,0%), que já reprovaram (27,2%) e que têm pior comportamento.

Nos agressores sociais sistemáticos a prevalência é ligeiramente superior nos rapazes (14,7%) do que nas raparigas (13,5%). Quanto à idade, a menor prevalência é entre os que têm 12 anos (9,4%) e 17 anos (11,9%) e a maior é nos alunos com 16 anos (17,9%). Nos alunos do ensino profissional (12,8%) a prevalência é menor do que no regular (14,7%) e em relação ao ano de escolaridade, é maior nos alunos do 10º ano (18,1%) e menor nos alunos dos 5º/6º anos e 11º/12º anos. Quanto ao rendimento escolar e comportamento, a prevalência de agressores sociais sistemáticos é superior entre os que têm rendimento negativo (25,5%), que já reprovaram (19,6%) e que têm melhor comportamento.

Quando aos agressores verbais sistemáticos estes apresentam uma prevalência ligeiramente superior nos rapazes (26,7%) do que nas raparigas (26,1%). Quanto à idade, a menor prevalência é entre os que têm 12 anos (12,5%) e a maior é nos alunos com 14 anos (33,9%). Nos alunos do ensino profissional (20,9%) a prevalência é menor do que no regular (28,2%) e em relação ao ano de escolaridade, é maior nos alunos do 7º ano (33,3%) e 10º ano (30,6%) e menor nos alunos dos 5º/6º anos e 11º ano. Quanto ao rendimento escolar e comportamento, a prevalência de agressores verbais sistemáticos é superior entre os que têm rendimento negativo (31,8%), que já reprovaram (27,8%) e que têm comportamento mau (40,0%).

Por fim os agressores sistemáticos de ataque à propriedade a prevalência é ligeiramente superior nos rapazes (9,4%) do que nas raparigas (5,7%). Quanto à idade, a menor prevalência é entre os que têm 12 anos (0,0%), 13 anos (1,8%) e 17 anos (3,4%) e a maior é nos alunos

com 16 anos (13,4%). Nos alunos do ensino profissional (4,7%) a prevalência é menor do que no regular (7,9%) e em relação ao ano de escolaridade, é maior nos alunos do 9º ano (13,3%) Quanto ao rendimento escolar e comportamento, a prevalência de agressores propriedade sistemáticos é superior entre os que têm rendimento negativo (13,6%), que já reprovaram (8,9%) e que têm comportamento mau ou muito mau.

À semelhança de outras investigações, a proporção de agressores mostrou-se superior no sexo masculino quer a nível de agressão física, social verbal e ataque à propriedade, que corrobora com a literatura, de acordo com Matos, Negreiros e Simões (2009) os rapazes tendem a apresentar um comportamento violento mais aberto e anti-social através da utilização da agressão física e agressão social. Contudo no nosso estudo também observamos que para além da agressão física e social, utilizam também a agressão de ataque à propriedade e verbal. Lopes, Amaral et.al (2011) enumeram como fatores de risco para a agressão o individuo ser do sexo masculino comparativamente com o sexo feminino.

Com a análise da ANOVA e da MANOVA, podemos comparar os traços de psicopatia de acordo com a classificação por níveis de agressividade e vitimização. Verificamos que na superdimensão "grandioso/manipulativo" o grupo "apenas agressor" é o que tem pontuação média mais alta (M = 45.05; DP = 10.917), tendo sido também o que tem a pontuação média mais elevada na superdimensão "frio e não emocional" (M = 36.21; DP = 5.910). Quanto à superdimensão "impulsivo e falta de sentido de responsabilidade", o grupo com maior média é o "vítima e agressor" (M = 39.35; DP = 7.661).

No YPI total os indivíduos apenas agressores são os que apresentam maior média, seguido dos indivíduos que são vitimas e agressores simultaneamente, corroborando com a literatura.

Foram classificados como tendo YPI médio (71,4%) dos jovens, existindo 65 (15,2%) com YPI baixo e 57 (13,3%) com YPI alto, dentro do YPI alto (19,9%) são do sexo masculino. O sexo feminino apresenta valores mais baixos no YPI global em comparação com o seco masculino

Podemos verificar perante o estudo realizado que nas 3 superdimensões do YPI (grandioso manipulativo , frio e não emocional ) os indivíduos apenas agressores, são quem tem uma pontuação mais elevada, comparativamente com os outros sujeitos da amostra. Na superdimensão impulsivo e falta de sentido de responsabilidade os indivíduos que possuem o valor mais elevado são as vítimas e agressores em simultâneo.

Seguidamente os indivíduos que em uma pontuação mais elevada nas três superdimensões, são as vitimas e agressores simultaneamente estão em último os puros (não são vítimas, nem agressores).

Para finalizar a nossa investigação, também devemos considerar as limitações existentes. Nomeadamente referir que a população a que tivemos acesso, não era uma população problemática, onde poderiam existir maiores discrepâncias.

Para investigações futuras existe pertinência para a investigação da aplicação de um estudo longitudinal e aceder a vários intervenientes, nomeadamente pais e professores para consequentemente verificar se os traços de psicopatia dos agressores aumentam até à adultícia.

Julga-se que esta investigação trouxe um contributo para a análise da dinâmica do *bullying*, não visto só através do papel da vítima, mas também dos agressores, das vitimas e agressões e dos "puros", que não são vitimas nem agressores e verificar que os agressores são quem apresentam pontuações mais elevadas no YPI, especificamente na dimensão grandioso manipulativo, que inclui a sedução desonesta, grandiosidade, mentira e manipulação frio e não emocional e na dimensão frio e não emocional, em que estão presentes a ausência de remorsos, ausência de emoções e frieza emocional.

**Referências bibliográficas**


Alexander, J. (2007). *A agressividade na escola: Bullying: Um guia essencial para pais.* Barcarena: Presença.

American Psychiatric Association (2002). *DSM-IV-TR – Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* (4ª ed.). Porto Alegre: Artmed.

Andershed, H. (2010). Stability and change of psychopathic traits: what do we know? In R. Salekin, & D. Lynam (Eds.), *Handbook of child and adolescent psychopathy* (233-250). New York: The Guilford Press.

Avilés, J.M. (2006*). Bullying: El maltrato entre iguais – Agressores, victimas y testigos en la escuela*. Salamanca: Amarú Ediciones.

Azenha, M., Rodrigues,S., Galvão, D. (2012). Revista de enfermagem. *Referencia*, *3*(6), 45-53.

Barros, P., Carvalho, J, & Pereira, M. (2009). Um estudo sobre o bullying no contexto escolar: Estudo apresentado no IX Congresso Nacional de Educação, III encontro Sul Brasileiro de psicopedagogia, Brasil.

Câmara, F., & Câmara, L. (2005). Coluna Psiquiatria contemporânea. O Psicopata: Mito, Moda e Ciencia. Psychiatyonline Brasil, Giovanni Torello, 15 (11), 1-3.

Carvalhosa, S. C. (2010). Prevenção da violência e do bullying em contexto escolar. Lisboa: Climepsi.

Carvalhosa, S., Lima, L. & Matos, M. (2002). Bullying - A provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. *Análise Psicológica, 4*(XIX), 523-537.

Carvalhosa, S., Lima, L., & Matos, M. (2002). Bullying - A provocação/vítima entre pares no contexto escolar português. *Análise Psicológica, 4*(XX), 571-585.

Chapell, M., Casey, D., Cruz, C., Ferrell, J., Forman, J., Lipkin, R., Newsham,M., Sterling, M., & Whittaker, S. (2004). Bullying in college by students and teachers. *Adolescence, 39*(153), 53-65.

Cleckley, H. (1988). *The mask of sanity* (5th ed.). Georgia: C.V. Mosby Company.

Freire, I., Simão, A., & Ferreira, A. (2006). O estudo da violência entre pares no 3ºCiclo do ensino básico - Um questionário aferido para a população escolar portuguesa. *Revista Portuguesa da Educação,* 19(2),157-183.

Garcia, J., & Correia, I. (2010), Quem é quem no Bullying? *Mind_Português*, 1(2-3), 22-29.

Gonçalves, R. (1999). Personalidade: O lado antisocial. *Psychologica*, *22,* 83-101.



Gonçalves, R. (1999). Personalidade: O lado antisocial. *Psychologica*, *22*, 83-101.

Gonçalves, R. (2007). *Versão portuguesa da Checklist de Psicopatia-Revista (PCL-R) de Robert Hare: Manual de cotação e interpretação.* Braga: Universidade do Minho.

Haber, J. (2009). *Bullying: Manual anti-agressão: Proteja o seu filho de provocações, abusos e insultos.* Alfragide: Casa das Letras.

Hogan. (s/d). *Usando o medo para chegar ao topo.* Recuperado de: www.atelie-rh.com.br.

Laranjeira, C. A. (2007) A análise psicossocial do jovem delinquente: Uma revisão da literatura. *Psicologia em Estudo, 12*, 221-227.

Leme, F., & Leme, M. (2011). *O psicopata que o direito penal desconhece*. Revista científica intraciência .

Lopez, R., Amaral, A., Ferreira, J., & Barroso, T. (2011). Factores implicados no fenómeno de bullying escolar: Revisão integrada da literatura. *Revista de Enfermagem Referencia*, 3 (5), 153-162.

Marôco, J. (2010). *Análise estatística com o PASW statistics*. Pêro Pinheiro: Editora Report Number.

Matos, M., & Gonçalves, S. (2009). Bullying nas Escolas: Comportamentos e percepções. *Psicologia, Saúde & Doença, 10*(1), 3-15.

Matos, M., Negreiros, J., Simões, C., & Gaspar,T. (2009). *Violência, bullying & delinquência*. Lisboa: Coisas de Ler.

Milan, C. (2009). *Bullying: Discussão sobre atitudes escolares*. Trabalho apresentado no Coloquio de Estudos Linguísticos e Literários em Anais.Maringá.

Olweus, D. (1993). *Bullying at school: What we know and what we can do.* Oxford: Blackwell.

Ortega, R., & Lera, M. (2000). The seville anti-bullying school project. *Aggressive Behavior, 26*, 113-123.

Pacheco, P. J. (2011). *Pesquisas do cérebro e psicopatias* (Tese de doutoramento Pontifícia, Universidade Católica do Rio Grande do Sul)

Pereira, B., Silva, M., Nunes, B. (2009). Descrever o Bullying na escola: Estudo de um agrupamento de escolas no interior de Portugal. *Revista Diálogo Educação, Curitiba, 9*(28), 455.

Pestana, M., &. Gajeiro, J. (2008). *Análise de dados para ciências sociais: A complementaridade do SPSS* (5ª Ed.). Lisboa: Edições Sílabo.

Pimentel, D (2010). *Estudos de Psicanálise* – Psicopatia da Vida Cotidiana, 33, 13- 20. Belo Horizonte.

*Proposta de Lei n.º 46/XI/2.ª.* Presidência do conselho de ministros (2010).

Randall, P. (1996). *A community approach to Bullying*. Stoken-on-Trent: Trentham Books.

Rodrigues, G. (2012). O bullying nas escolas e o horror a massacres pontuais. *Ponto-e-vírgula* , 10-21.

Serrate, R. (2009). *Lidar com o bullying na escola*. Sintra: K Editora.

Silva, A. (2009), *Mentes Perigosas nas Escolas – Bullying*. Rio Janeiro: Objetiva.

Silva, A. (2008). *Mentes Perigosas: o psicopata mora ao lado.* Rio Janeiro: Objetiva.

Simões, M., Gonçalves, R., & Lopes, J. (2010, Fevereiro). *Adaptação do "Youth Psychopathic Traits Inventory" (YPI): Estudo preliminar*. Trabalho apresentado no VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia, Universidade do Minho, Portugal.

Simões, M. (2011). *Psicopatia na adolescência.* (Tese de Doutoramento em Psicologia, Universidade da Beira Interior, Covilhã).

Soeiro, C., & Gonçalves, R. (2010). O estado de arte do conceito de psicopatia. *Análise Psicológica, 1*(XXVIII), 227-240.

Unicef (2007). Pobreza infantil em perpectiva. Visão de Conjunto do bem-estar na criança nos países ricos. InnocentiReportCard, nº7. Centro de estudos Innocenti da Unicef, Florença.

Vaugh, M.G., & Howard, M.O. (2005).The construct of psychopathy and its potential contribution to the study of serious, violent, and chronic youth offending. *Youth Violence and Juvenile Justice,3*(3), 235-252. doi:10.1177/1541204005276320.

Veiga, F. H. (1995). Escala de disrupção escolar inferida pelos professores (*EDEI*): Construção e validação. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, *XXIX(1*) 99-118.

Veiga, F. H. (2007). Avaliação da disrupção escolar dos alunos: Novos elementos acerca das escalas EDEI e EDEP. In S. N. Caldeira (Coord.), *(Des)ordem na Escola: Mitos e Realidades* (pp. 133-167). Coimbra: Quarteto.

Veiga, F. H. (2007). Adaptação da "Multidimensional Peer Victimization Scale" para Portugal. (Trabalho apresentado na *XIII Conferência Internacional sobre Avaliação Psicológica: Formas e Contextos.* Braga: Universidade do Minho)

Vien, A., & Beech, A. (2006). Psychopathy: Theory, measurement, and treatment. *Trauma, Violence, & Abuse, 7(3),* 155-174. doi:10.1177/1524838006288929.

Vries, M. (2012). *The Psychopath in the C suite*: redefining the sob. França: *INSEAD*

# Anexos

**ANEXO A – Pedido de autorização aos conselhos executivos para realização do estudo**

Exmo. Sr. Presidente do Conselho Executivo

**Assunto:** Pedido de colaboração para investigação

Sou docente na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e estou a orientar Mestrados em Psicologia Clínica.

Neste âmbito, insere-se uma investigação que tem como objetivo estudar certas atitudes, opiniões e respostas emocionais dos jovens adolescentes face à família, aos amigos e a situações típicas da vida. Com estudos deste género é possível determinar certos fatores de risco que podem conduzir a um desenvolvimento afetivo e comportamental menos harmonioso.

Para a concretização dos objetivos mencionados e da recolha de dados que deles decorre, solicito a V. Ex.ª autorização para que uma amostra de alunos do estabelecimento de ensino a que V. Ex.ª preside preencha o questionário em anexo.

A amostra pretendida abrangerá cerca de 300 alunos com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos de idade. O preenchimento do questionário demorará entre 20 a 30 minutos e deverá realizar-se na escola, de preferência no início de uma aula.

Pretende-se que as respostas dos alunos a este questionário tenham a máxima sinceridade, pelo que o preenchimento do mesmo será em regime de rigoroso anonimato. Não há respostas boas ou más, corretas ou incorretas. Fica assim assegurada a utilização criteriosa da informação recolhida, que se destina a fins meramente científicos, bem como garantida a confidencialidade dos dados.

Sem a colaboração de V. Ex.ª e dos docentes e alunos da escola este esforço de investigação não pode ser levado a bom termo.

Agradeço desde já a disponibilidade e a atenção dispensada.
Com os melhores cumprimentos,

Alice Margarida Martins dos Santos Simões
Prof. Auxiliar
Departamento de Psicologia e Ciências da Educação
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

**ANEXO B – Pedido de autorização aos encarregados de educação para realização do estudo**

Exmos. Srs. Encarregados de Educação

**Assunto:** Solicitação de colaboração

Inês Fernandes, Raquel Santos e Sandra Rodrigues são Licenciadas em Psicologia e investigadoras no âmbito do seu mestrado em Psicologia da UTAD.

A investigação tem como objectivo estudar certas atitudes, opiniões e respostas emocionais dos adultos face à família, aos amigos e a situações típicas da vida. Para a concretização dos objectivos mencionados e da recolha de dados que deles decorre, solicitamos o preenchimento do questionário para a referida investigação. Fica assegurada a utilização criteriosa da informação recolhida, que se destina a fins meramente científicos, bem como garantida a confidencialidade dos dados.

Decorrente do exposto, solicitamos a prestimosa colaboração pela autorização do seu filho/a para o preenchimento do questionário. Somente assim os nossos alunos poderão tomar conhecimento da realidade de modo a tornarem-se, no futuro, bons profissionais.

Agradecemos antecipadamente a vossa colaboração.

Com os melhores cumprimentos,

_____ _____

(Margarida Simões) (Francisco Cardoso)

_____

O Encarregado de Educação